

**EMOÇÃO, PREVALÊNCIA E RELEVÂNCIA PESSOAL DE EVENTOS
EM ROTEIROS DE VIDA EM UMA AMOSTRA BRASILEIRA**

Tufla Maciel Felinto

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção de grau de Mestre em
Psicologia

Orientação do Profº Dr. Gustavo Gauer

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Porto Alegre - Março de 2017

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Gustavo Gauer, pela paciência e apoio, por me ensinar que a profissão não é fácil, mas vale o esforço. A Luciana pelas ideias e auxílio na reta final, que me ajudaram a manter o foco.

Ao CNPq pelo apoio financeiro que tornou possível a realização do mestrado.

Aos meus amigos de laboratório, pelo trabalho em conjunto e pela alegria que deixa a carga mais leve.

A minha família, meus pais que aguentam comigo a saudade e me dizem pra seguir em frente e trabalhar duro pelo que eu quero. Minha irmã, que confia em mim e me ensina a nunca desistir.

E a Alex, por ser a pessoa que me lembra todos os dias o caminho que eu trilhei para chegar até aqui.

Obrigada a todos!

*"I wonder if I've been changed in the night. Let me think.
Was I the same when I got up this morning? I almost think
I can remember feeling a little different. But if
I'm not the same, the next question is
'Who in the world am I?' Ah, that's the great puzzle!"*

— LEWIS CARROLL, ALICE IN WONDERLAND

SUMÁRIO

Capítulo 1: INTRODUÇÃO	17
1.1 Memória Autobiográfica	18
1.2 Organização da Memória Autobiográfica	20
1.3 Fenômenos Relevantes na Organização da Memória Autobiográfica	24
1.4 Roteiros de Vida	26
1.5 Organização da História de Vida	27
1.6 Revisão de Estudos Internacionais com Roteiros de Vida	28
1.7 Justificativa	31
1.8 Objetivos	31
1.9 Hipóteses	31
Capítulo 2: MÉTODO	33
2.1 Participantes	33
2.2 Instrumentos	33
2.3 Procedimentos	35
2.4 Análise dos Dados	35
Capítulo 3: RESULTADOS	37
Capítulo 4: DISCUSSÃO	45
Capítulo 5: CONCLUSÃO	55
Capítulo 6: REFERÊNCIAS	57
Anexo A: ANEXO A	61
Anexo B: ANEXO B	63
Anexo C: ANEXO C	65

LISTA DE TABELAS

1	Tabela de Frequência dos Eventos de Vida	38
2	Tabela de comparação das 10 categorias mais citadas em cinco países	42

LISTA DE FIGURAS

1	Gráfico da frequência de eventos distribuída nas décadas de vida	39
2	Gráfico de idade no evento com relação à valência	40
3	Gráfico de prevalência do evento com relação à valência	41
4	Gráfico de importância do evento com relação à valência	42

RESUMO

Roteiros de vida são um protótipo de trajetória de vida construído socialmente e compartilhado pelos membros de uma cultura e pode influenciar como indivíduos avaliam experiências anteriores e projetam seu futuro. Os participantes (384 brasileiros universitários) responderam quais sete eventos mais importantes acontecerão na vida de uma criança hipotética de sua cultura. A análise mostrou um roteiro de vida com alta coincidência dos eventos citados, acúmulo de eventos positivos esperados para acontecer entre 15 e 30 anos, além da predominância de eventos positivos. Comparando os resultados com estudos realizados na Dinamarca, Estados Unidos, Turquia e Holanda, encontrou-se uma estrutura semelhante em todos, mas também diferenças no conteúdo referentes a particularidades culturais. O roteiro de vida brasileiro é mais semelhante ao americano. Apenas categorias de eventos relacionadas à morte foram consideradas negativas nessa amostra. Estudos futuros podem investigar variações nos roteiros de vida para diferentes grupos na população.

Palavras-chave: Roteiros de vida; Memória autobiográfica; Cognição.

ABSTRACT

Life scripts are schematic representations of the life history that are socially built and shared by the members of a culture and influences the way people evaluate their previous and present experiences, and how they plan their future. A sample of 384 Brazillians undergraduates, answered which seven most important events are expected to happen in the life of a newborn in their own culture. Data showed a life script with an overlap of the events, an accumulation of positive events expected to happen between the 15 and 30 years of age, and a predominance of positive events. Comparing this results with previous international studies took place in Denmark, the United States, Turkey, and the Netherlands, a similar life script structure was found, as well as some content differences referring to particular cultural aspects. The brazillian life script is more similar to the american life script. Only death related event categories were considered negative by this sample. Future studies may investigate variations on the life scripts for different groups in the population.

Keywords: Life scripts; Autobiographical memory; Cognition.

INTRODUÇÃO

Como sabemos que estamos bem? Que parâmetros utilizamos para concluir que a vida que estamos vivendo é satisfatória? O que esperamos para o futuro? Essas perguntas acendem o interesse e a curiosidade de pesquisadores nas mais diversas áreas. Para avaliar uma situação, o indivíduo leva em conta não apenas a informação imediata a partir da perspectiva do *self* que é parte da experiência como também as informações de longo prazo (Kahneman, 2011).

Os estudos em memória autobiográfica e história de vida procuram há muito tempo responder essas perguntas. Os critérios que utilizamos para selecionar as experiências que trazemos ao contar nossas histórias de vida são temas de investigação na psicologia cognitiva. Uma das linhas de pensamento considera investigar o que é esperado para a vida de uma pessoa, o que é considerado culturalmente importante, quais situações provavelmente ocorrerão e como provavelmente as pessoas irão se sentir acerca delas.

A teoria dos roteiros de vida culturais (*cultural life scripts*) considera que existe um conhecimento acerca dessas informações que é compartilhado por todos os membros de uma cultura. As pessoas não precisam ter vivenciado situações importantes para saber que são importantes e esperadas. Compartilhamos histórias, falamos sobre eventos, construímos culturalmente um modelo de vida idealizada que serve de parâmetro para o planejamento futuro e a avaliação da trajetória (Rubin & Berntsen, 2003).

Berntsen & Rubin (2002) investigaram o que surgia quando os indivíduos eram solicitados a relatar suas memórias mais felizes, tristes, traumáticas e importantes. O resultado foi uma grande quantidade de memórias felizes e importantes que ocorreram aproximadamente na segunda e terceira década de vida. A explicação sugerida pelos autores é que os indivíduos possuem um viés culturalmente construído e compartilhado para selecionar suas memórias autobiográficas. O roteiro de vida serviria como um parâmetro tanto na codificação quanto na recuperação das memórias dos eventos vividos e também como modelo comparativo do próprio desenvolvimento.

Compreender como se organiza e como se compõe o roteiro de vida é importante tanto para o estudo da organização das memórias autobiográficas quanto para a investigação das expectativas culturais com relação às trajetórias individuais. A seguir, serão discutidos aspectos teóricos da memória autobiográfica e dos roteiros de vida, com destaque para o papel deste na organização da narrativa da história de vida. Em seguida, serão

apresentados os resultados da pesquisa de investigação do roteiro de vida em brasileiros. Esses resultados serão comparados com o de outras quatro pesquisas realizadas no mesmo paradigma, destacando similaridades e diferenças, com o objetivo de contribuir para a compreensão da composição dos roteiros de vida.

1.1 Memória Autobiográfica

A capacidade de contar histórias e situações vividas para um grupo de pessoas é comum e parte do dia a dia de todos os integrantes de uma espécie extremamente social como a humana. Vivências são relatadas, eventos que aconteceram há muito tempo ou hoje mais cedo, e isso é feito por diversas razões pessoais e como forma de integração em um grupo. Essa habilidade de utilizar, no presente, o conhecimento de eventos vividos no passado, relatados em formato de narrativa na qual o indivíduo é o personagem principal, é possível graças aos mecanismos neurais e cognitivos que compõem a memória autobiográfica.

Define-se a memória autobiográfica como o sistema neuropsicológico composto de processos cognitivos que tornam possível lembrar do próprio passado. A capacidade de relatar a própria história de vida, recordando conscientemente informações de eventos passados é essencial tanto para a socialização humana quanto para a organização da própria identidade. A recordação desses eventos envolve um estado consciente, o senso de reviver o evento juntamente com o sentimento de voltar no tempo e a certeza de lembrar (em oposição a apenas saber que o evento aconteceu) (Gauer & Gomes, 2007).

A memória é considerada um conjunto de sistemas múltiplos devido aos diferentes tipos de informação que são armazenados, e é dividida principalmente entre memória declarativa e não-declarativa. A primeira (de longo prazo) trata de informações de fatos que são conscientes, facilmente armazenadas, mas também facilmente esquecidas. A segunda se refere ao conhecimento de procedimentos motores automatizados e não conscientes. A memória declarativa é dividida entre dois sistemas: a memória episódica que trabalha com o conhecimento relacionado a eventos específicos e a memória semântica que se refere ao conhecimento tácito de procedimentos e fatos. O sistema de memória autobiográfica envolve informações tanto de natureza episódica quanto semântica, uma vez que trata do conhecimento de eventos pessoais selecionados por terem importância e significado para o indivíduo, compondo, dessa forma, a história de vida do mesmo (Gauer & Gomes, 2007).

Podemos considerar a memória autobiográfica como uma expansão da memória

declarativa associada a outros processos cognitivos, tais quais a consciência, o julgamento, a imaginação, as emoções e a linguagem. Cada um desses processos cumpre funções que contribuem para a formação da representação do evento real. É necessário um estado consciente durante a experiência, um julgamento do evento como acontecimento real, a construção de imagens vívidas com componentes que podem ser tanto visuais quanto auditivos, além dos estados afetivos envolvidos na experiência que são revividos durante a recordação (Gauer & Gomes, 2007).

As memórias episódicas tratam de informações referentes a eventos específicos e essas representações são registros resumidos dos aspectos sensoriais, perceptivos, conceituais e afetivos envolvidos no evento. Esses registros quando na forma de imagens guardam informações de configuração do evento, uma vez que os objetos são representados com relação uns aos outros. Não seria possível armazenar informações detalhadas e precisas de todos os eventos presenciados de modo que o sistema seleciona o que precisa ser facilmente acessado pelo indivíduo de acordo com os objetivos em questão e que deve estar disponível sem desperdício de energia (Conway, 2009).

O sistema de memória episódica pode ser organizado em componentes simplificados e estruturados hierarquicamente. Os aspectos que compõem um evento são agrupados a partir de suas semelhanças em um quadro conceitual que contextualiza essas informações. Para esses detalhes é utilizado o termo “elementos episódicos”, que se refere a representações de partes ou momentos de uma experiência que são próximos ao real e costumam ser armazenados na forma de imagens. Ao conjunto de elementos episódicos agrupados em um quadro conceitual dá-se o nome de “memória episódica simples”. Quando estas são agrupadas em um quadro conceitual mais complexo, passam a ser considerados uma “memória episódica complexa” (Conway, 2009).

A perspectiva com a qual a memória é registrada está relacionada ao tipo de recordação que ocorrerá. Algumas memórias episódicas são armazenadas a partir do que é chamado de perspectiva de campo enquanto outras revelam a perspectiva de um observador. No primeiro caso, a lembrança se dá do ponto de vista original do indivíduo no evento e é mais associado à sensação de voltar no tempo e reviver a situação. No segundo caso, o ponto de vista é externo, de modo que a pessoa consegue se localizar naquela memória, geralmente com menos detalhes (Conway, 2009).

A memória semântica é o sistema responsável pela construção de significado, composta principalmente de dois tipos de informação: conceitual e proposicional. O primeiro trata de uma representação mental de algo e do conhecimento acerca da semelhança entre

diferentes conceitos. O segundo se refere à representação mental das relações entre os diferentes conceitos, sendo essas passíveis de avaliação acerca da precisão e veracidade da informação (Jones, Willits & Dennis, 2015).

Existem diversos modelos que procuram explicar de que forma o conhecimento semântico é adquirido, como se organiza, como é acessado, dentre outros aspectos. Esses modelos podem ser divididos entre conexionistas e distribucionais. Os modelos conexionistas foram os primeiros a buscar compreender de que forma as representações semânticas são aprendidas e como se dá sua interação com outros processos cognitivos. O conhecimento é representado na forma de unidades interconectadas, sendo uma função entre *inputs* e *outputs*, influenciada por uma série de camadas de processos que tornam a relação complexa. Os modelos distribucionais sugerem que a aprendizagem semântica se dá através de experiências episódicas repetitivas a partir das quais o indivíduo é capaz de abstrair a informação conceitual e proposicional (Jones et. al., 2015).

O papel do conhecimento semântico na memória autobiográfica está relacionado às estruturas de autoconhecimento e identidade, abrangendo longos períodos de tempo. Segundo os modelos hierárquicos da memória autobiográfica, essas estruturas são de alto nível de processamento cognitivo e estão relacionadas às informações sensoriais e perceptivas de nível mais baixo ligadas aos eventos episódicos vivenciados pelo indivíduo (Levine, Svoboda, Hay, Winocur & Moscovitch, 2002).

A informação semântica da memória autobiográfica representa experiências acumuladas ao longo da vida e é responsável pela coerência do autoconhecimento e da identidade. Dessa forma, é de grande importância para a manutenção das habilidades de socialização do indivíduo devido ao seu papel na compreensão de si e do outro. Além disso, a informação semântica é menos vulnerável à ruptura ou desmembramento em comparação com a informação episódica, de modo que se mantém preservada (e até mesmo facilitada) ao fim da vida (Levine et. al., 2002).

1.2 Organização da Memória Autobiográfica

Todas as informações que são armazenadas na memória autobiográfica recebem influência dos eventos vividos anteriormente pelo indivíduo durante a codificação, de forma que a organização dos eventos na memória altera-se constantemente. A estrutura que organiza o armazenamento dos eventos na memória autobiográfica foi chamada por Tulving (1985) de *Personal Reference* (referência pessoal), destacando o aspecto idiossincrático dessa organização. Segundo o autor, os eventos da memória são organizados com refe-

rência a um período específico no tempo, mas esse período seria particular a partir das experiências pessoais do indivíduo.

Nesse sistema pessoal de referência estão incluídos o que Shum (1998) chamou de *landmarks* (marcos ou pontos de referência), que são eventos excepcionais que se destacam durante a vida e servem de princípios organizadores para os outros eventos. Além de fornecer uma estrutura para a organização da história de vida, esses marcos também determinam a forma como as memórias são percebidas. Um evento considerado um marco envolve pessoalmente o indivíduo e é caracterizado pela importância individual que possui, servindo como referência para a organização tanto das memórias quanto da narrativa da história de vida.

Os principais tipos de eventos que podem se tornar marcos na vida do indivíduo são eventos pessoais vívidos e *lifetime periods* (períodos de vida). O último, descrito por Conway (2005), trata de períodos gerais de tempo que englobam eventos que possuem um tema em comum, tendo começo e final demarcados. Essas marcações podem ser definidas tanto internamente (a partir de critérios pessoais) quanto delimitadas culturalmente (devido a prazos e critérios externos, que costumam ser comuns a diversas pessoas).

Já os eventos pessoais, também chamados de eventos marcantes ou nucleares, são aqueles que são recordados com facilidade e vivacidade, além de terem grande importância pessoal para a história de vida (Gauer & Gomes, 2008). Um evento se torna marcante devido também a fatores presentes na ocorrência do evento que influenciam a codificação do mesmo. Esses fatores podem ser a emocionalidade atrelada ao evento ou a surpresa de um evento incomum (Shum, 1998).

As memórias de episódios nucleares refletem também padrões das expectativas culturais que podem influenciar os fatores que o tornam marcante. Por estar inserido em uma sociedade com uma cultura própria, os indivíduos são capazes de comparar suas histórias de vida com os eventos que costumam ser considerados como parte de uma história de vida naquele grupo (Gauer & Gomes, 2008).

O modelo de memória autobiográfica descrito por Rubin, Schrauf & Greenberg (2003) considera a mesma como uma interação entre alguns processos componentes, sendo eles a imaginação, a emoção, linguagem e a narrativa, além dos processos de recordação e crença e de propriedades que são atribuídas aos eventos e memórias.

O estado de consciência específico no qual a recordação de um evento pessoal ocorre é diferenciado devido ao senso de revivência e a crença do indivíduo na veracidade da memória. Também é necessário destacar a emoção como propriedade central tanto

do evento original, uma vez que a intensidade da emoção é considerada um fator central na consolidação das memórias de eventos pessoais; quanto da memória, sendo mais fácil recordar memórias que compartilhem valência emocional congruentes com o estado de humor do momento presente (Gauer & Gomes, 2007).

Outro ponto a ser destacado no modelo de processos componentes são as propriedades que são atribuídas tanto aos eventos originais quanto às memórias que os representam. Essas propriedades são resultado de julgamentos meta-cognitivos que afetam a qualidade da recordação e a da narrativa compartilhada com outros indivíduos. A importância pessoal do evento, a frequência com que o mesmo foi ensaiado (tanto mental quanto verbalmente), a especificidade (o quanto o evento foi ou não incomum) e a idade do indivíduo quando o evento ocorreu são fatores que contribuem para que este seja mais ou menos recordado (Gauer & Gomes, 2007).

Dessa forma, a memória autobiográfica é responsável por construir um repertório de experiências importantes para o indivíduo, que compõem sua história de vida. Os eventos vividos são selecionados por serem relevantes pessoalmente, por gerarem consequências para a vida do indivíduo, além de possuir grande carga emocional. Eventos que são repetidos com frequência (ensaio) tanto verbalmente quanto mentalmente ou que foram considerados incomuns também têm maior probabilidade de compor a história de vida. Esses eventos costumam estar mais acessíveis à consciência, sendo facilmente recuperados e revividos com grande riqueza de detalhes (Gauer & Gomes, 2007).

O modelo *Self-Memory System* (SMS) proposto por Conway (2005) considera a memória como um banco de dados que inclui as informações da memória autobiográfica desde eventos específicos até maiores períodos de vida. Todos os aspectos da construção dessas memórias (codificação, armazenamento e recuperação) estão ligados ao monitoramento dos objetivos de longo e curto prazo do indivíduo. Dessa forma, a principal função da memória seria avaliar o progresso feito em cada objetivo de modo a ajustar o comportamento do indivíduo.

O *self* de trabalho (*working self*) é responsável por administrar os objetivos, mantendo coerência entre os mesmos, coordenando o processamento e definindo prioridades. O termo *self* de trabalho se refere ao sistema de memória de trabalho, do qual a hierarquia de objetivos faz parte. Um aspecto importante do *self* de trabalho são as estruturas conceituais abstraídas da memória autobiográfica: esquemas e categorias socialmente construídos e que definem o *self*, os outros e as interações do indivíduo. Essas estruturas, chamadas de *self* conceitual, não são definidas temporalmente, apesar de estarem conectadas à

memória autobiográfica (Conway, 2005).

A hierarquia de objetivos definida pelo *self* de trabalho e o *self* conceitual funciona como processos de controle que determinam de que forma ocorrerá a codificação e construção das memórias, além do grau de acessibilidade às informações na memória de longo prazo. A coerência e a correspondência são importantes nesse processo, uma vez que é necessário um equilíbrio entre esses dois pontos para que o indivíduo possua um *self* estável e funcional. A coerência das memórias com os objetivos e com a auto-imagem do indivíduo permite que seja construída uma identidade na qual ele possa se reconhecer. A correspondência (precisão da memória de acordo com a realidade) é necessária para que essa identidade esteja coerente com o comportamento e com a vivência do indivíduo (Conway, 2005).

Logo, as memórias episódicas cumprem a função de informar o andamento de metas e de construir uma base para a continuidade da identidade. Quando essas memórias estão relacionadas a objetivos de curto prazo, elas cumprem sua função e podem ser esquecidas depois de algum tempo. Isso não significa dizer que serão perdidas, mas que estarão indisponíveis, podendo ser acessadas com a ajuda de pistas, por exemplo. Memórias episódicas ligadas a objetivos de longo prazo são armazenadas por muito mais tempo devido a necessidade frequente de se monitorar o andamento dessa meta. É papel do *self* de trabalho definir o quanto essas memórias serão ou não facilmente acessíveis de acordo com as necessidades do indivíduo (Conway, 2005).

Algumas memórias podem conter episódios críticos para a vida do indivíduo e são extremamente importantes pois contêm informações necessárias para a formação da auto-imagem. A auto-imagem é definida como um modelo mental do *self* em relação aos objetivos passados, presentes e futuros. Essas memórias são de fácil acesso devido a sua importância no monitoramento de objetivos de longo prazo e de sua profunda associação com a identidade do indivíduo. O estudo dos temas dessas memórias pode promover *insights* importantes para a compreensão do desenvolvimento humano (Conway, 2005).

Os eventos importantes que compõem a história de vida de uma pessoa são responsáveis por influenciar a trajetória da mesma, além de promover uma continuidade da identidade pessoal. Episódios críticos (nucleares) que provocam mudanças intensas na história de vida, independente da valência da modificação, são responsáveis por compor o que a pessoa considera como “verdades básicas” acerca de si mesma, influenciando a interpretação que é dada à própria vida. O indivíduo é capaz de utilizar os eventos como parâmetros para avaliar sua trajetória e identidade (Gauer & Gomes, 2007).

A atribuição de significado aos eventos pessoais vividos pelo indivíduo permite não apenas o reconhecimento das próprias experiências, mas também a expressão de sua trajetória de vida, tornando possível compartilhar socialmente as memórias dos eventos. As principais funções dessa habilidade de contar vivências são o estabelecimento de intimidade com outras pessoas e a transmissão de ensinamentos de vida. Além disso, a memória autobiográfica torna possível a avaliação da própria vida a partir dos eventos significativos, que se tornam marcos na organização da história de vida (Gauer & Gomes, 2007).

1.3 Fenômenos Relevantes na Organização da Memória Autobiográfica

A qualidade e quantidade das memórias autobiográficas armazenadas são estudadas em diversos contextos, de modo que é possível destacar alguns fenômenos já conhecidos relacionados ao desenvolvimento humano: a maior retenção de memórias referentes aos últimos 20 ou 30 anos vividos, a amnésia infantil (baixo número de memórias referentes aos cinco ou seis primeiros anos de vida) e o fenômeno conhecido como *reminiscence bump* (lombada da reminiscência) (Gauer & Gomes, 2007).

Esse fenômeno se refere à alta frequência de memórias recordadas que aconteceram entre a segunda e terceira década de vida do indivíduo (Berntsen & Rubin, 2004). Quando participantes foram solicitados a informar eventos autobiográficos (em resposta a palavras servindo como pistas, ou citar eventos de grande importância na própria trajetória ou cuja lembrança seja vívida, ou até mesmo relatar a própria história de vida livremente), foi possível verificar um alto número de lembranças desta faixa de idade (Steiner, Pillemer, Thomsen & Minigan, 2014).

Estudos das décadas de 70 e 80 que investigavam a recordação de memórias pessoais através de pistas foram os primeiros a perceber que os participantes com mais de 40 anos tendiam a relatar mais eventos vividos no período da adolescência do que em outras épocas. A partir dos anos 90, pesquisadores passaram a investigar a distribuição das memórias pessoais no tempo de vida com outros métodos de recordação, incluindo o relato livre da história de vida, encontrando padrões na frequência dos eventos narrados (Scherman, 2013).

Esses trabalhos forneceram evidências para a descrição dos três fenômenos relevantes da memória autobiográfica já citados: a amnésia infantil, o *bump* da reminiscência e a retenção. Características das memórias que compõem *bump* foram observadas em

diferentes contextos, como o fato de serem positivas, geralmente importantes e de fácil recordação (Scherman, 2013).

Existem variadas sugestões de explicações para esse fenômeno, sendo as três mais conhecidas a explicação cognitiva, a narrativa e a de roteiro de vida. A explicação cognitiva sugere que os eventos que ocorrem na adolescência e no final da idade adulta são consideravelmente distintos e apresentam um caráter de novidade, de modo que necessitam de um processamento cognitivo mais elaborado. Essas características dos eventos, em comparação com o período anterior que é considerado de relativa estabilidade, influenciam a codificação dos eventos na memória, tornando-os mais acessíveis à recordação no futuro (Rubin, Rahhal & Poon, 1998).

A explicação narrativa considera que o período no qual o *bump* é observado é crucial para o desenvolvimento da identidade. Parte da ideia de que a narrativa é o meio pelo qual as memórias são construídas na identidade do sujeito, sendo responsáveis pela integração das experiências no senso de *self*. A narrativa impõe uma perspectiva, uma ordem temporal e organiza as relações entre os eventos vividos pela pessoa. Dessa forma, esse seria um período privilegiado na consolidação do *self*, tornando os eventos ocorridos nesse momento mais fáceis de serem lembrados (Conway & Pleydell-Pearce, 2000).

A última explicação considera que o roteiro de vida (*life script*) seria responsável por orientar a recordação dos eventos autobiográficos e direcionar a memória para buscar pelos marcos vividos considerados mais importantes culturalmente ao relatar a própria história de vida (Steiner et. al., 2014). Uma vez que culturalmente considera-se que é no final da adolescência e início da vida adulta que as experiências mais marcantes e de maior importância ocorrerão, e que o roteiro de vida registra principalmente eventos positivos, os indivíduos tendem a orientar o relato das próprias experiências a partir do roteiro de vida (Rubin & Berntsen, 2003).

Essas hipóteses não são mutuamente excludentes. Diversos pontos de cada uma das explicações encontram fundamentação empírica e teórica. Porém, apenas o roteiro de vida consegue explicar por que o acúmulo de memórias ao final da adolescência e início da idade adulta se dá somente para memórias positivas e não negativas ou traumáticas (Scherman, 2013).

Os roteiros de vida possuem uma tendência a serem compostos principalmente por eventos considerados positivos. Embora seja facilmente perceptível que a vida de todas as pessoas é permeada por situações tanto positivas quanto negativas que são de grande importância, é possível observar o viés que é causado pelo roteiro no relato da história de

vida. Os eventos positivos são mais ensaiados do que os negativos e é possível observar um efeito de perda da intensidade emocional destes últimos ao longo do tempo. Logo, é possível sugerir que os eventos positivos, ocorridos em determinada etapa da vida, serão destacados na recordação de eventos autobiográficos (Berntsen, Rubin & Siegler, 2011).

1.4 Roteiros de Vida

Os roteiros de vida são representações de uma vida idealizada que são compartilhadas pelos indivíduos de uma mesma cultura. É um protótipo de trajetória de vida construído socialmente. Consiste em uma série de eventos transicionais considerados importantes e que estão ligados a normas de idade nas quais se espera que esses eventos ocorram (Bohn, 2011).

Os roteiros de vida combinam o conceito de *script* (Mandler, 1984) com a ideia de uma vida segmentada em faixas etárias e expectativas de normas de idade para eventos importantes. O conceito de *script* está relacionado com a forma como são processadas informações e pode ser definido como uma estrutura de conhecimento estereotipada acerca de rotinas comuns a diversas pessoas. Essa estrutura não está ligada a um evento específico vivenciado pelo indivíduo, mas indica um conhecimento genérico sobre sequências de eventos agrupados relacionados a um conteúdo específico.

A organização de um *script* é hierárquica, uma vez que possui um título (que informa do que trata aquele roteiro) e é dividido em cenas. Estas consistem em grupos de ações que são associadas a papéis. As cenas e ações que compõem um roteiro estão conectadas entre si, mas cada um desses elementos está relacionado ao título. Isso significa que um *script* é composto de conexões entre suas partes e dessas partes com o todo (Mandler, 1984).

Também é importante destacar a sequência na qual um *script* está organizado. As conexões temporais entre os elementos podem ser tanto causais (o que significa que o ordenamento é obrigatório) quanto arbitrarias (sugerindo que a ordem pode variar). A investigação de características dos *scripts* demonstrou que, dada uma situação e solicitado um roteiro composto de eventos, as respostas dos participantes tendem a apresentar considerável sobreposição, embora contenham itens variados (Mandler, 1984).

Aplicado à história de vida, tem-se a ideia de um roteiro formado por eventos esperados que compõem uma sequência organizada temporalmente e que é conhecida pelos membros de uma comunidade. Essa ideia de uma vida idealizada é aprendida culturalmente de forma implícita, a partir da observação do comportamento de outros ou

do relato de histórias, reais ou fictícias, além de práticas culturais que evidenciam essas expectativas (Conway & Jobson, 2012).

Logo, os roteiros de vida são formados por um conhecimento semântico do que é esperado para os indivíduos de uma determinada sociedade, não sendo necessariamente fruto de um conhecimento episódico. (Bohn, 2011). Não é necessário que o indivíduo tenha vivenciado todos os eventos esperados em um roteiro de vida para que o conheça, pois a informação necessária para a elaboração dos eventos vem do conhecimento conceitual formado ao longo da vida (Rubin & Umanath, 2015).

1.5 Organização da História de Vida

O roteiro de vida tem implicações na organização da história de vida do indivíduo e na forma como o mesmo compreende e avalia sua trajetória, além de projetar expectativas para o futuro. Os eventos que costumam ser citados nos roteiros de vida em diversas culturas são aqueles que representam principalmente transições entre papéis sociais e que por este motivo marcam o começo de um novo período de vida. Costumam ser mais ensaiados, tanto mentalmente quanto em conversas com outros indivíduos da mesma cultura, de forma que são mais acessíveis à recordação (Bohn & Habermas, 2015).

Quando solicitadas a relatar memórias importantes de suas vidas, as pessoas utilizam esse roteiro como estrutura normativa para narrar a própria história. Os roteiros de vida servem como princípio organizador das memórias autobiográficas, influenciando a recordação e o relato desses eventos. É observada uma sobreposição 60% a 70% entre os eventos citados nos roteiros e aqueles relatados nas histórias de vida (Bohn & Habermas, 2015).

O roteiro de vida enquanto teoria explicativa do *reminiscence bump* se centra nas expectativas culturais ao invés dos mecanismos individuais de codificação e recuperação de memórias (Scherman, 2013). Os estudos que investigam os eventos de vida considerados esperados para os indivíduos em uma determinada cultura observam um aglomerado de eventos citados nesse mesmo período que se assemelha ao padrão observado nas histórias de vida. O *bump* dos roteiros de vida é observado em diferentes culturas (Berntsen & Rubin, 2004; Erdogan, Baran, Avlar, Tas & Tekcan, 2008; Janssen & Rubin, 2011; Rubin, Berntsen & Hutson, 2009; Tekcan, Kaya-Kiziloz & Odaman, 2012; entre outros) sendo uma evidência robusta da explicação do roteiro de vida enquanto organizador das histórias de vida.

A forma como histórias de vida são contadas e organizadas tem grande influência

da cultura na qual os indivíduos estão inseridos. Aquilo que é considerado importante para um grupo ganha destaque nas memórias individuais, de forma sutil e profundamente infiltrada na vivência diária. As informações são transmitidas para todos e por todos os membros de uma sociedade de modo natural, pois essas situações consideradas marcantes são também construídas pelos estilos de vida dos grupos. O estudo da cultura e das expectativas com relação as trajetórias de vida dos indivíduos é um passo importante na direção da compreensão de diversos aspectos da memória autobiográfica.

1.6 Revisão de Estudos Internacionais com Roteiros de Vida

O estudo de Berntsen e Rubin (2004) é considerado um pioneiro do paradigma de roteiro de vida da forma como é utilizado atualmente. Os autores perguntaram a uma amostra de 103 indivíduos, sendo 87 mulheres (entre 21 e 51 anos, $M = 26,4$) quais os sete eventos mais importantes que ocorrerão na vida de um recém-nascido na mesma cultura e do mesmo gênero do participante. A descrição da tarefa era lida por um pesquisador e o participante respondia por escrito. Também eram questionadas a valência, a importância, a prevalência, a idade na qual o evento ocorreria e a emoção relacionada ao evento. Este último ponto não apresentou nenhum padrão na análise dos autores, logo foi retirado dos resultados apresentados. Esse modelo de investigação dos roteiros de vida é o questionário mais utilizado atualmente nos estudos nesse tema.

Foram encontradas 36 categorias de eventos, um *bump* para eventos positivos entre os 15 e os 30 anos, além da predição da frequência dos eventos pelos dados de valência e pelo período do *bump*. Devido à grande sobreposição dos eventos citados pelos participantes, os autores concluíram que há um roteiro de vida conhecido pelos indivíduos da população dinamarquesa.

Erdogan et. al. (2008) reproduziu esse estudo em uma população turca, testando algumas alterações. Com uma amostra de 200 pessoas entre 18 e 34 anos ($M = 20,08$), foram aplicadas variações do procedimento: metade dos participantes citaram os sete eventos mais importantes que acontecerão na vida de um recém-nascido de sua cultura (tanto de seu gênero quanto do gênero oposto) e a outra metade citou os sete eventos mais importantes que aconteceram na vida de um idoso de 90 anos (de seu gênero e do gênero oposto). Com relação ao procedimento comparável com o estudo de Berntsen e Rubin (2004), 95 participantes (sendo 59 mulheres) relataram eventos que foram divididos em 27 categorias e que também apresentaram um *bump* para eventos positivos entre os 15

e os 30 anos. Ao comparar os resultados encontrados na população turca com aqueles da população dinamarquesa, os autores relataram uma correlação positiva [$r(15) = ,85$; $p < 0,01$].

As variações de procedimento não apresentaram diferenças significativas entre os gêneros, indicando que homens e mulheres produziram roteiros semelhantes tanto para indivíduos de gênero semelhante quanto para os de gênero oposto. Já a comparação entre os roteiros produzidos para recém-nascidos e idosos apresentaram algumas diferenças como uma frequência maior de eventos negativos no geral e uma maior frequência de eventos citados na quarta, quinta e sexta décadas de vida no roteiro para o idoso.

Rubin et. al. (2009) realizaram o mesmo procedimento em uma amostra nos Estados Unidos, com 100 participantes (55 mulheres) entre 18 e 28 anos ($M = 18,69$) que relataram por escrito tanto os sete eventos esperados para a vida de um recém-nascido do mesmo gênero quanto os sete eventos mais importantes de sua história de vida. Devido aos objetivos dessa dissertação, serão considerados apenas os resultados do primeiro estudo. Os autores partiram das categorias de Berntsen e Rubin (2004) e chegaram a uma lista de 24 categorias, sendo 20 dessas consideradas positivas. A correlação entre as frequências da amostra americana com a amostra dinamarquesa foi de $r = ,82$, com $p < 0,0005$.

Janssen e Rubin (2011) procuraram pelo roteiro de vida em uma amostra holandesa, com 595 participantes (538 mulheres) entre 16 e 75 anos ($M = 44,3$). Os participantes foram divididos em três grupos de acordo com suas idades, sendo o primeiro de 16 a 35 anos, o segundo de 36 a 55 anos e o terceiro de 56 a 75 anos. Todos responderam ao paradigma de *life script* para um recém-nascido do mesmo gênero do participante via *survey online*. Os participantes foram solicitados a categorizar seus eventos nas 46 categorias que foram derivadas dos estudos citados anteriormente nessa sessão. Ao final, os autores chegaram a 48 categorias para essa amostra. Os resultados indicaram uma maioria de eventos positivos e um *bump* de eventos entre os 16 e 30 anos, sendo 55,4% dos eventos positivos esperados nesse período. Com relação à comparação entre grupos, não foram encontrados efeitos de idade do participante nem na proporção de eventos citados pelos grupos nem nas variáveis de prevalência, importância, valência e idade do evento.

Scherman (2013) executou uma reanálise dos dados dos estudos citados acima e de outros dois realizados com amostras dinamarquesas (Rubin et. al, 2009 - estudo 2; Bohn, 2010). A autora buscou verificar se seria possível encontrar uma sobreposição dos roteiros de vida e das histórias de vida de diferentes culturas. Apenas a parte referente aos roteiros de vida será discutida nesta dissertação.

O roteiro gerado por cada um dos estudos foi compilado e examinado, sendo elaborados gráficos dos eventos (divididos em positivos, neutros e negativos) ao longo do tempo de vida. As categorias elaboradas por cada estudo foram analisadas e compiladas em uma lista que agregou categorias semelhantes. Ao todo, foram reanalisados dados de 1172 participantes (sendo 967 mulheres) com idades entre 16 e 88 anos ($M = 32,85$), que geraram um total de 8049 eventos agrupados em 66 categorias. A autora organizou os dados em uma tabela apresentando as frequências de cada amostra para as categorias agrupadas, permitindo visualizar diferenças entre os países com relação aos eventos citados, sendo também calculadas as porcentagens de citações de cada categoria para o número total de participantes.

Das 66 categorias elaboradas, apenas 12 foram mencionadas por todos os sete estudos: “ter filhos”, “casamento”, “entrar para a escola”, “apaixonar-se”, “universidade”, “morte dos pais”, “primeiro emprego”, “aposentadoria”, “própria morte”, “começar a andar”, “puberdade”, “entrar para a creche”. Esse resultado é interessante porque destaca o aspecto cultural do roteiro de vida. Embora possam ser encontradas concordâncias entre as amostras, as especificidades de cada grupo se destacam na análise, demonstrando o quanto as características de uma dada população influenciam a formação do roteiro de vida de seus indivíduos.

Ao distribuir os eventos divididos em positivos, neutros e negativos ao longo do tempo de vida, a autora identificou que todos os roteiros analisados apresentam um *bump* de eventos positivos entre os 15 e 30 anos, além de uma maioria de eventos positivos no geral. Os eventos negativos e neutros estão distribuídos aleatoriamente ao longo do tempo. A reanálise desses dados em conjunto demonstrou que é claramente perceptível a semelhança entre a distribuição dos eventos no roteiro de vida e nas histórias de vida. A quantidade de eventos positivos que se aglomera entre o final da adolescência e o início da vida adulta é comum a diferentes populações com características culturais variadas.

É possível extrair dos resultados dos diversos estudos que analisam a composição dos roteiros de vida em diferentes culturas pontos em comum, como a alta frequência de eventos positivos em um período determinado e a semelhança entre os eventos mais citados pelos participantes, mas também suas diferenças. Estas chamam atenção para aspectos particulares de cada cultura investigada, que influenciam o dia a dia das pessoas e tomam parte no protótipo de vida ideal compartilhado. Já as semelhanças são reflexo do grau de integração no qual indivíduos dos mais diversos países se encontram atualmente.

Os trabalhos revisados, realizados nas últimas décadas, demonstram o quanto os

modos de vida ao redor do mundo acumularam similaridades. Em um mundo onde a informação circula de forma cada vez mais rápida, é compreensível que as vivências dos indivíduos se tornem cada vez mais semelhantes. Estudos comparativos como estes que fossem realizados há seis ou sete décadas atrás talvez apresentassem resultados bastante discrepantes entre si.

1.7 Justificativa

Compreender que expectativas as pessoas têm para o andamento da própria vida e da vida de outros no momento atual é importante no estudo da memória autobiográfica por diversos motivos. Além de permitir uma maior compreensão acerca da modo como as pessoas avaliam e projetam suas vidas (Scherman, 2013), os roteiros de vida apresentam *insights* importantes para o estudo das expectativas culturais em suas semelhanças e diferenças, da formação e organização das narrativas de vida e daquilo que é vivido e é considerado importante, bom ou ruim para um indivíduo em determinada cultura. Não existe nenhum estudo desse tipo com a população brasileira, de modo que não se sabe que particularidades ou semelhanças os dados dessa amostra teriam com relação aos achados internacionais.

Outra consequência do estudo de roteiros de vida é a coleta de dados acerca de aspectos da vida que possuem alto grau de importância para os brasileiros. Informações sobre temas que são considerados bons ou ruins para uma determinada população abrem portas para a investigação e construção de instrumentos de avaliação de bem-estar e qualidade de vida. Além disso, o estudo de temas como a preocupação também podem se beneficiar do conhecimento acumulado acerca daquilo que é de fácil acesso na memória dos membros de um grupo e como são caracterizados esses eventos.

1.8 Objetivos

Esse estudo busca contribuir com informações acerca de uma amostra latino-americana para a compreensão dos roteiros de vida e, conseqüentemente, para o avanço na área da memória autobiográfica. Através de comparações interculturais, visa investigar de que forma o Brasil se assemelha ou difere de outras nacionalidades com relação as expectativas dos indivíduos para o futuro e as formas de enxergar o próprio passado.

1.9 Hipóteses

Espera-se encontrar uma alta coincidência de eventos citados pelos participantes, um acúmulo de eventos positivos esperados para ocorrerem entre os 15 e os 30 anos,

além de uma maioria de eventos positivos no geral. Também é esperada uma maior concordância com relação à idade estimada para os eventos positivos em comparação com os negativos e uma predominância de eventos relacionados a marcadores sociais de transição de papéis em comparação com eventos relacionados a marcadores biológicos do desenvolvimento.

MÉTODO

2.1 Participantes

Os participantes foram selecionados por conveniência, através da divulgação do *link* para a pesquisa por *e-mail*. A coleta foi interrompida ao alcançar 704 participantes. Destes, foram excluídos os questionários incompletos, restando 422. Foram analisados para a verificação dos casos válidos, sendo excluídos aqueles que escreveram em primeira pessoa (narrando eventos pessoais e não relativos a um indivíduo genérico), escreveram mais de duas linhas para um único evento, deram ao menos três respostas que não eram eventos ou deram respostas inadequadas. Dos 391 participantes restantes, foram excluídos menores de idade que responderam a pesquisa por engano.

A amostra final contou com 384 participantes (274 mulheres) entre 18 e 58 anos ($M = 23,6$, $DP = 5,85$), de 19 dos 27 estados brasileiros, sendo 52,9% do Rio Grande do Sul, 15,9% de Minas Gerais e 7,6% de São Paulo. Os participantes são estudantes universitários, tanto de graduação quanto de pós-graduação, dos quais 79,2% são de universidade pública e 45,6% do total também trabalham. 83,1% dos participantes é solteiro e 92,2% não tem filhos. Com relação à renda familiar, 26% dos participantes recebe até 3 salários mínimos, 29,7% recebe entre 3 e 6 salários mínimos, 17,7% recebe entre 6 e 9 salários mínimos e 26,6% recebe mais que 9 salários mínimos (considerando o salário mínimo brasileiro de 2012: 622 reais). Todos foram informados do funcionamento da pesquisa, além de assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2.2 Instrumentos

Questionário sociodemográfico: Os participantes forneceram dados de renda familiar, faixa etária, estado civil, número de filhos, estado no qual reside, tipo de universidade que frequenta (pública ou privada), se trabalha ou não e histórico psiquiátrico.

Paradigma de roteiros de vida: Foi solicitado aos participantes que relatassem sete eventos que são esperados na vida de uma pessoa comum. Para isso, pede-se que imaginem uma criança que nasceu hoje e tem todo o futuro pela frente e digam que eventos importantes provavelmente acontecerão na vida dela. Ao final, esses eventos devem ser classificados de acordo com sua prevalência (o quanto são comuns na vida da população), o quanto são importantes, sua valência (se o evento é positivo ou negativo) e em que idade é mais provável que ocorram (Berntsen & Rubin, 2004). A instrução exposta na tela foi:

"Este estudo lida com as expectativas a respeito de uma vida comum em nossa cultura. Sua tarefa é decidir quais eventos são esperados que aconteçam durante a vida de uma pessoa comum. Você não deve pensar na sua vida pessoal, mas sim na vida típica de uma pessoa da nossa cultura. Não existem respostas certas ou erradas. Estamos interessados na sua opinião sobre estas questões. Imagine uma criança recém-nascida do mesmo gênero que o seu. Esta não deve ser uma criança que você conhece, mas sim uma criança qualquer, com uma vida comum pela frente. Sua tarefa é escrever os sete eventos mais importantes que provavelmente acontecerão na vida desta criança comum, do seu nascimento à sua morte. Escreva os eventos na mesma ordem em que eles lhe vierem à cabeça. Dê um título descritivo para cada evento que você listar."

As instruções para as questões relativas à classificação de cada evento são:

"Por favor, responda as questões a seguir para cada um dos sete eventos que você escolheu como mais importantes para uma criança comum de nossa cultura. Para cada evento você deverá estimar a frequência, a importância e a emoção ligada a este evento. Você também será solicitado a responder sobre a idade em que este evento geralmente acontece. Novamente, não existem respostas certas ou erradas. Use sua opinião e responda da forma como você achar melhor. Se você estiver em dúvida, escolha seu melhor palpite".

"O quão comum é este evento? De um conjunto de 100 pessoas, quantas irão experimentar este evento pelo menos uma vez durante suas vidas? (Responda com o número de pessoas, considerando o grupo de 100 pessoas como padrão.)"

"O quão importante é este evento? (utilize o intervalo entre 1 e 7 para responder, sendo 1 = não importante e 7 = o mais importante possível)."

"Com que idade você acha que este evento acontece? (responda utilizando o número de anos)."

"Este evento é positivo ou negativo? (utilize o intervalo de -3 a +3 para responder, sendo -3 = muito negativo e +3 = muito positivo)."

Primeiro, os participantes foram instruídos a escreverem os sete eventos e depois cada evento citado foi reapresentado para que fossem respondidas as medidas de prevalência, importância, valência e idade. Dessa forma, evitou-se o risco de o participante esquecer a qual evento a pergunta se referia ou se confundir durante o procedimento. Não era possível voltar e alterar o evento escrito.

2.3 Procedimentos

O presente estudo foi realizado com base nos dados coletados entre 2012 e 2014. O projeto original coletou dados de roteiro de vida e de história de vida dos participantes, incluindo aqui as informações sociodemográficas e os dados de prevalência, importância, valência e idade em cada evento citado. Aqui serão analisados apenas os dados referentes ao roteiro de vida fornecidos pelos participantes. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Psicologia a partir da resolução nº 466/12, no ano de 2012. A coleta iniciou-se no mesmo ano e foi encerrada em 2014.

A coleta dos dados foi realizada através de uma plataforma de questionários *online* (*SurveyMonkey*) na qual o participante, após ler e concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, poderia responder ao questionário sociodemográfico e ao paradigma de roteiros de vida.

2.4 Análise dos Dados

Foi utilizado um delineamento quantitativo e transversal para a coleta dos dados. Os eventos citados pelos participantes foram classificados inicialmente em 66 categorias elaboradas por Scherman (2013). Em seu estudo, a autora reanalisa os dados encontrados nos estudos de Berntsen e Rubin (2004), Bohn (2010), Erdogan et. al., (2008), Janssen e Rubin (2011) e Rubin et. al., (2009). No total, sete amostras foram reanalisadas, contando com 1172 participantes que responderam ao mesmo procedimento (com modificações mínimas em alguns procedimentos). A autora realizou uma compilação das categorias dos estudos e chegou a uma lista com 66 categorias.

Nesse estudo foram obtidos 2688 eventos, que foram classificados de acordo com as categorias de Scherman (2013). Para eventos que não se encaixavam em nenhuma das categorias, foram criadas novas que abarcassem o conteúdo trazido pelos participantes. Os eventos foram categorizados por um juiz independente e por um segundo juiz que classificou 25% dos eventos. O resultado do *Kappa* para a análise de dois juízes foi de .87, o que indica uma concordância quase perfeita (Vieira & Garrett, 2005). Após a classificação, as categorias citadas por menos de 4% da amostra foram agrupadas na categoria “Outros”, de acordo com o critério para os eventos no roteiro de vida (Bohn & Habermas, 2015) chegando às 38 categorias finais.

Foram realizadas correlações entre as medidas de prevalência, valência, importância e idade no evento, e também entre as frequências de citações das amostras de diferentes países dos estudos descritos na Seção 1.6. Também foram realizadas ANOVAs para ve-

rificar diferenças entre as medidas citadas, com correção do teste de Bonferroni. Com relação a diferenças entre os sexos dos participantes, foi realizado um teste qui-quadrado. Para investigar as relações entre a valência dos eventos e sua alocação dentro ou fora da faixa de idade entre 15 e 30 anos, foi realizado um teste t.

RESULTADOS

Os procedimentos de categorização levaram à lista na Tabela 1. Algumas das categorias iniciais foram citadas poucas vezes na amostra, sendo alocadas em “Outros”, como por exemplo “grande conquista”, “sair de casa”, “doença grave”, “o emprego certo”, entre outras. Além disso, categorias próprias da amostra brasileira tais como “infância/brincar”, “dificuldades/sofrimento”, “festas e socialização” também foram citadas menos de 16 vezes.

Os participantes foram solicitados a indicar os sete eventos mais importantes da vida de alguém de sua cultura ($M = 6,037$; $DP = 1,1955$), além de relatar quantas de cada 100 pessoas passariam por cada evento ($M = 76,638$; $DP = 23,2092$). As altas médias de importância e prevalência semelhantes às encontradas em estudos anteriores (Janssen & Rubin, 2011) demonstram que os participantes compreenderam o que foi solicitado na pesquisa.

Com relação à valência dos eventos, os participantes os classificaram entre -3 e +3, sendo o zero um evento neutro. Da lista de categorias apresentada, 34 foram consideradas positivas (89,5%) e três negativas (10,5%). Apenas as categorias relacionadas à morte foram consideradas negativas nessa amostra. Isso reforça o caráter predominantemente positivo dos eventos incluídos nos roteiros de vida (Rubin & Berntsen, 2003). Também percebeu-se uma maior concordância entre os participantes acerca da idade estimada para os eventos positivos (média do desvio padrão = 6,386) em relação aos eventos negativos (média do desvio padrão = 16,065).

Considerando o *life script bump* como a faixa entre 15 e 30 anos, encontram-se 15 categorias (44,1% dos eventos positivos) esperadas para esse período, estando seis dessas presentes entre as 10 categorias citadas com mais frequência. Essa proporção indica uma quantidade substancial de eventos nesse período em comparação com os eventos negativos e neutros, como pode ser observado na Figura 1. O teste qui quadrado não encontrou associação entre o sexo dos participantes e a valência dos eventos.

Existe uma pequena elevação na quantidade de eventos neutros no mesmo período, porém consideravelmente inferior ao bump de eventos positivos. Também pode ser observado um segundo acúmulo de eventos positivos entre os 50 e 70 anos, também menor que o primeiro. A distribuição dos eventos negativos é quase homogênea durante todo o tempo de vida. Um ponto a ser destacado é pequena inversão de valência dos eventos que ocorre entre os 40 e 50 anos, o único momento em que é possível perceber que a

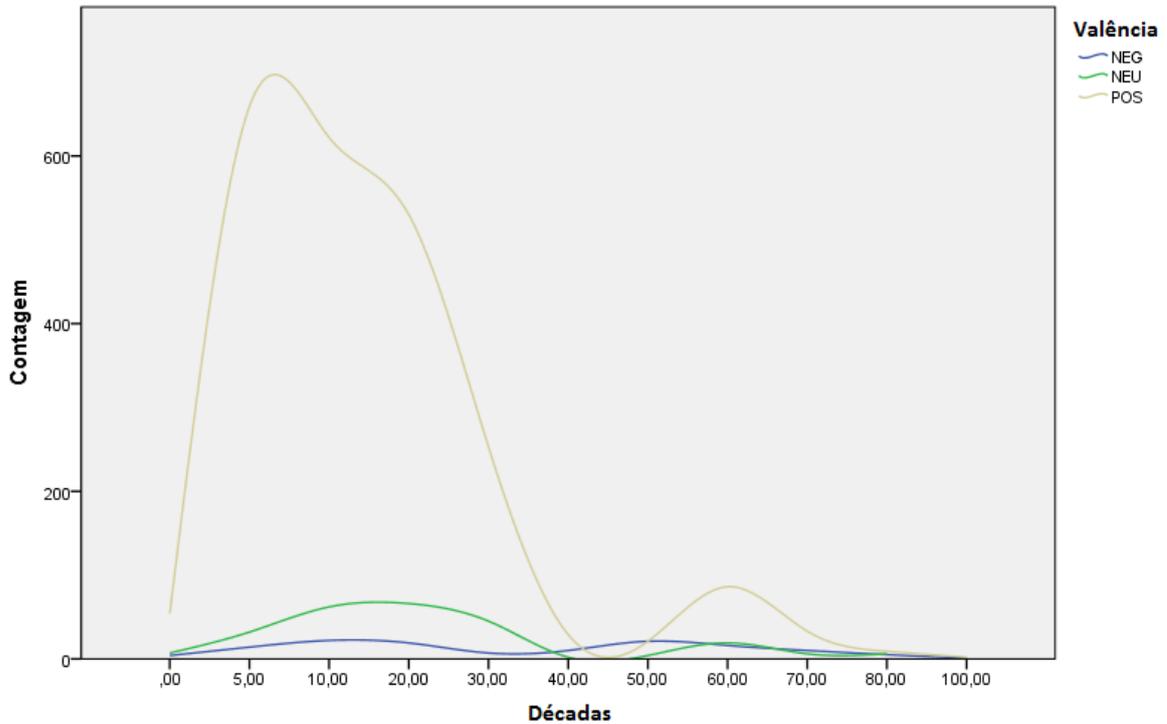


Figure 1: Gráfico da frequência de eventos distribuída nas décadas de vida

quantidade de eventos negativos ultrapassa os positivos para essa amostra.

Os testes t para amostras independentes comparando os eventos dentro (entre os 15 e os 30 anos de idade) e fora do *bump* indicaram que aqueles fora dessa faixa foram considerados mais comuns na população ($M_s = 83,33$ vs. $70,18$; $t(2662,977) = 15,341$; $p < 0,0001$, com tamanho de efeito $r = 0,28$) e mais importantes ($M_s = 6,22$ vs. $5,86$; $t(2681,855) = 7,973$; $p < 0,0001$, com tamanho de efeito $r = 0,15$). Já com relação a valência, os eventos dentro do bump foram considerados mais positivos ($M = 6,066$) do que os eventos fora do bump ($M = 6,027$). Embora essa diferença não tenha sido significativa ($t(2435,721) = -0,707$; $p = 0,48$), representa um tamanho de efeito médio ($r = 0,43$) (Cohen, 1992).

Foram encontradas correlações significativas ($p < 0,0001$) entre todas as variáveis, sendo positivas as correlações entre importância e prevalência ($r = 0,141$) e importância e valência ($r = 0,462$) e negativas as correlações entre prevalência e idade no evento ($r = -0,214$), prevalência e valência ($r = -0,108$) e idade no evento e valência ($r = -0,3$).

Separando os eventos de acordo com a valência como uma variável categórica (convertendo as respostas dos participantes em uma escala de um a sete, de forma que -3 foi substituído por um, zero por quatro e +3 por sete, sendo 1, 2 e 3 eventos negativos, 4 os eventos neutros e 5, 6 e 7 eventos positivos), foram encontradas diferenças significativas

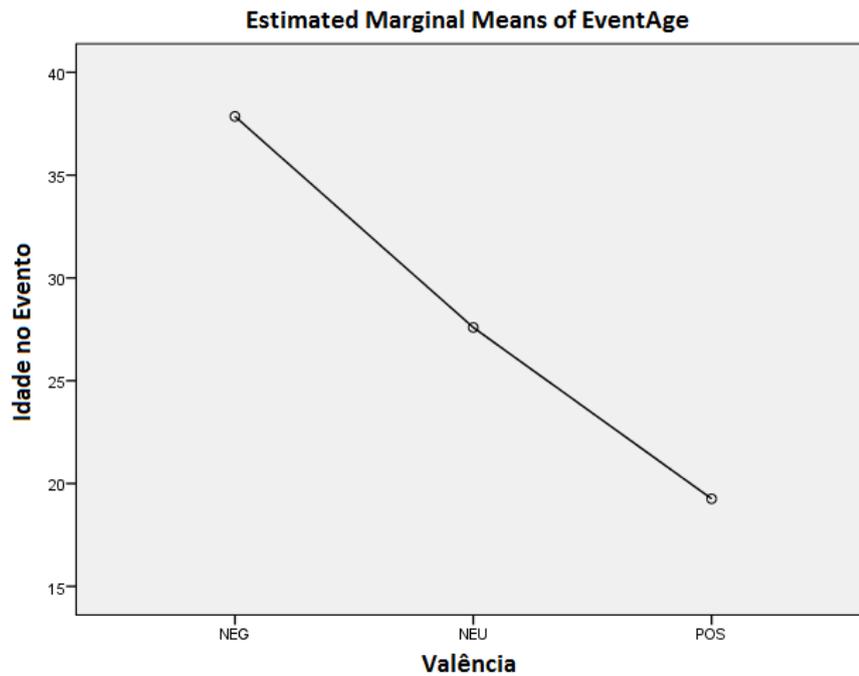


Figure 2: Gráfico de idade no evento com relação à valência

entre as médias dos eventos de acordo com a prevalência, a importância e a idade no evento.

Com relação a idade (Figura 2), foi encontrada uma média mais alta para os eventos negativos ($M = 37,86$) do que para neutros ($M = 27,59$) e positivos ($M = 19,26$). A ANOVA indicou diferenças significativas entre as médias [$F(2, 2685) = 92,844$; $p < 0,0001$], com diferença de 10,26 ($EP = 1,85$; $p < 0,0001$) entre as médias de idade dos eventos negativos e neutros, 18,59 ($EP = 1,54$; $p < 0,0001$) entre as idades de eventos negativos e positivos e 8,32 ($EP = 1,14$; $p < 0,0001$) entre as idades de eventos neutros e positivos, pelo teste de Bonferroni.

As médias de prevalência dos eventos negativos ($M = 89,7$) foram mais altas que as dos eventos neutros ($M = 79,67$) e positivos ($M = 75,55$) (Figura 3). A ANOVA indicou diferença significativa entre as médias [$F(2, 2685) = 26,053$; $p < 0,0001$], confirmadas pelo teste de Bonferroni, que indicou uma diferença de 10,02 ($EP = 2,46$; $p < 0,0001$) entre a prevalência dos eventos negativos e neutros, diferença de 14,14 ($EP = 2,05$; $p < 0,0001$) entre a dos eventos negativos e positivos e de 4,11 ($EP = 1,52$; $p = 0,02$) entre os eventos neutros e positivos.

Por fim, as médias de importância dos eventos neutros ($M = 4,62$) foram muito menores do que as médias dos eventos positivos ($M = 6,22$) e maiores que as de eventos negativos ($M = 5,59$) (Figura 4). A ANOVA indicou diferenças significativas entre

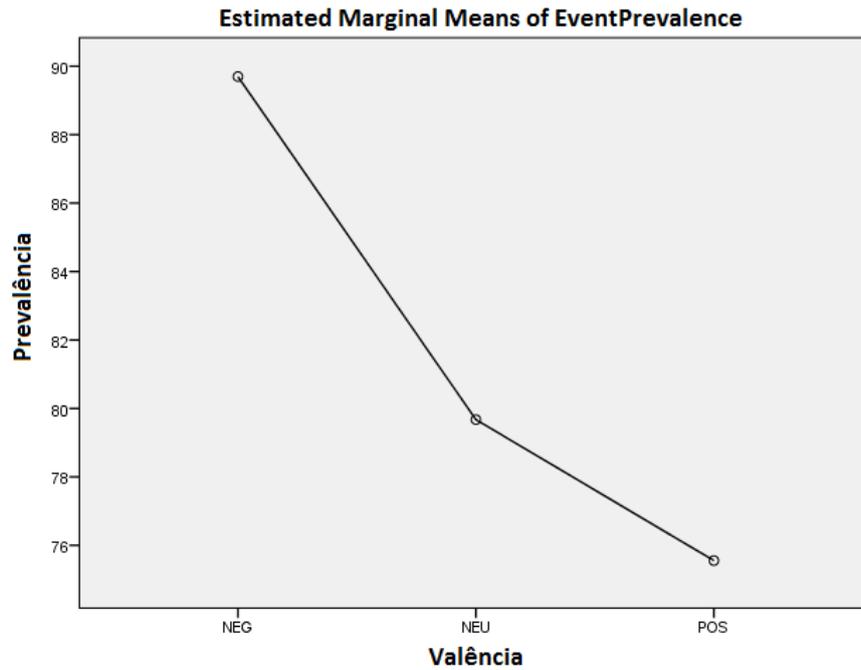


Figure 3: Gráfico de prevalência do evento com relação à valência

as médias [$F(2, 2685) = 254,009$; $p < 0,0001$], com diferenças de 0,96 ($EP = 0,11$; $p < 0,0001$) entre as médias de importância dos eventos negativos e neutros, diferença de -0,62 ($EP = 0,09$; $p < 0,000$) entre os eventos negativos e positivos e de -1,59 ($EP = 0,07$; $p < 0,0001$) entre os eventos neutros e positivos, pelo teste de Bonferroni.

Comparando as categorias mais frequentes entre as cinco amostras percebe-se que existe uma sobreposição entre os eventos encontrados neste estudo, em especial com a amostra americana, com a qual compartilha sete eventos em comum. Todas as amostras apresentaram os eventos “casamento”, “ter filhos”, “entrar para a escola” e “primeiro emprego”, sendo os três primeiros os mais frequentes em geral.

Os 10 eventos de maior frequência na amostra podem ser divididos em três temas principais: família, educação e trabalho. Esses temas estão associados a papéis considerados socialmente importantes (Berntsen & Rubin, 2004) e são recorrentes nos estudos realizados em outras culturas, como é possível verificar na Tabela 2.

Alguns itens presentes nessa lista são particulares à amostra brasileira, como por exemplo “relacionamentos amorosos/namoro”. Os participantes citaram com mais frequência primeiros namoros e relacionamentos da adolescência em comparação com os eventos que se referiam a sentir-se apaixonado(a). Também foi percebida uma diferença entre os eventos que relatavam a conquista do primeiro emprego e aqueles que se referiam ao trabalho como parte da vida, que foram agrupados na categoria “conseguir um em-

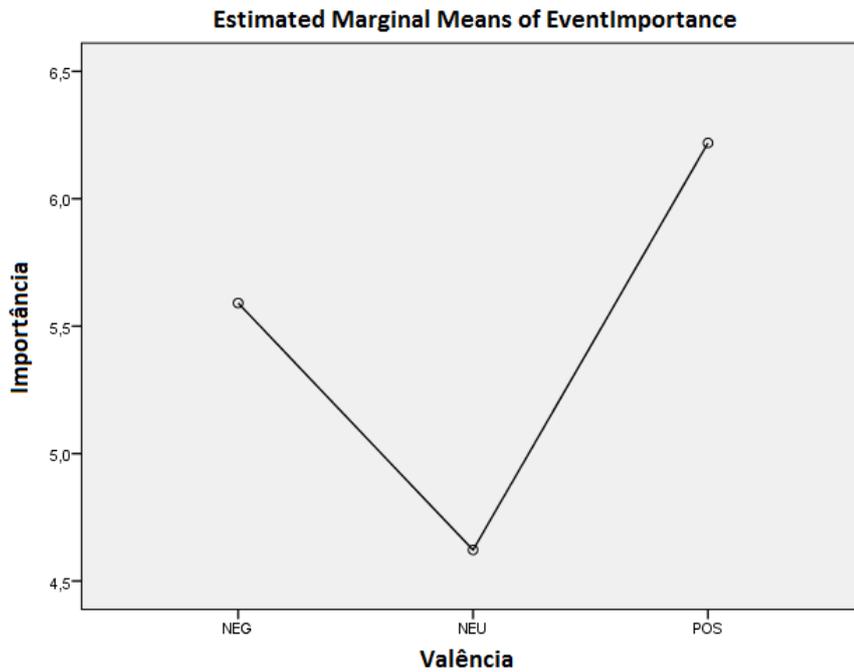


Figure 4: Gráfico de importância do evento com relação à valência

Table 2: Tabela de comparação das 10 categorias mais citadas em cinco países

Brasil	Estados Unidos (Rubin et. al., 2009)	Holanda (Janssen & Rubin, 2011)	Turquia (Erdogan et. al., 2008)	Dinamarca (Berntsen & Rubin, 2004)
Casamento	Casamento	Ter filhos	Casamento	Ter filhos
Ter filhos	Ter filhos	Entrar para a escola	Entrar para a escola	Casamento
Entrar para a escola	Universidade	Casamento	Ter filhos	Entrar para a escola
Universidade	Entrar para a escola	Morte dos pais	Primeiro emprego	Universidade
Formatura da graduação	Ensino médio	Apaixonar-se	Apaixonar-se	Apaixonar-se
Frequentar a escola	Primeiro emprego	Primeiro emprego	Universidade	Morte de outros
Conseguir um emprego/trabalhar	Aprender a falar	Sair de casa	Vestibular	Aposentadoria
Primeiro emprego	Aprender a andar	Ensino médio	Própria morte	Sair de casa
Começar a falar	Própria morte	Formatura do ensino médio	Morte de outros	Morte dos pais
Relacionamentos amorosos/namoro	Frequentar a escola	Conhecer marido/esposa	Puberdade	Primeiro emprego

prego/trabalhar”. Outro destaque é a categoria “formatura da graduação” que foi citada com bastante frequência e não aparece nesse recorte das outras amostras.

Comparando as listas de categorias completas das amostras de outros países é possível notar algumas semelhanças entre a amostra brasileira e a americana (Rubin et. al., 2009, estudo 1). Ambas possuem menos categorias consideradas negativas que as outras amostras, sendo três categorias neste estudo e quatro no grupo americano, enquanto encontram-se 11 nas amostras da Turquia (Erdogan et. al., 2008) e da Holanda (Janssen & Rubin, 2011) e nove na amostra da Dinamarca (Berntsen & Rubin, 2004).

Apenas uma categoria apresentou discrepância com relação à valência entre as amostras. Enquanto na Dinamarca a aposentadoria foi considerada um evento negativo ($M = -0,06$) e na Turquia e Holanda um evento neutro ($M = 0,70$ e $M = 0,86$, respectivamente), os brasileiros e os americanos consideraram como um evento bastante positivo ($M = 1,59$ e $M = 1,55$, respectivamente).

Considera-se que existe uma boa sobreposição entre as categorias encontradas nesse estudo e os estudos em outras culturas. Com relação à lista completa, são 22 categorias em comum com a amostra da Holanda, 20 com a dos Estados Unidos, 20 com a da Dinamarca e 15 com a da Turquia. A amostra da Holanda é mais comparável com a brasileira provavelmente devido ao número de participantes equivalente ($N = 595$) enquanto as outras amostras possuem aproximadamente 100 participantes cada uma.

No estudo com participantes turcos os autores compararam a frequência de citações das categorias de sua amostra (Erdogan et. al., 2008) com as relatadas no primeiro estudo desse tipo (Berntsen & Rubin, 2004) e encontraram uma correlação de $r = ,85$, $p < 0,01$. Comparando os dados da amostra brasileira com a amostra turca temos uma correlação positiva de $r = ,788$, $p < 0,01$, menor do que a encontrada na comparação dos estudos com população turca e dinamarquesa. Com relação à amostra dinamarquesa, foi encontrada uma correlação de $r = ,752$, $p < 0,01$. Apesar de comparáveis com relação ao número de participantes, as amostras brasileira e holandesa apresentaram uma correlação de $r = ,638$. Por fim, a comparação entre a amostra brasileira e a amostra americana apresentou uma correlação de $r = ,934$; $p < 0,01$, bastante superior às anteriores.

A lista de Scherman (2013) inclui os dados percentuais de citações para cada categoria. A autora executou a reanálise de modo a combinar os dados dos diversos estudos em diferentes países. A partir dessa lista, verificou-se uma correlação alta ($r = ,738$; $p < 0,01$) entre as frequências dos eventos da amostra brasileira aqui analisada e a combinação das amostras dos sete estudos reanalisados por Scherman (2013). Esses dados

indicam uma certa semelhança entre os diversos roteiros de vida produzidos por diferentes culturas, apesar dos aspectos particulares de cada grupo, como observado por Erdogan et. al., (2008).

DISCUSSÃO

Os resultados encontrados nesse estudo indicaram que existe um roteiro de vida compartilhado culturalmente pela população de estudantes universitários brasileiros, devido à grande concordância em termos de eventos citados. Logo, podemos supor que o roteiro de vida enquanto estrutura cognitiva compartilhada (Berntsen & Rubin, 2004) observada nessa amostra pode estar presente nos indivíduos da cultura brasileira. Não foram observadas diferenças estatisticamente significativas com relação ao gênero dos participantes. Esse resultado é coerente com o achado de Erdogan et. al. (2008) que realizou comparações entre as respostas dadas pelos participantes quando citaram eventos da vida de um recém-nascido do seu gênero e do gênero oposto. Os autores não encontraram nenhuma diferença significativa entre as condições, de forma que pode-se sugerir que o roteiro de vida é semelhante para as pessoas de ambos os sexos.

O roteiro de vida brasileiro é composto principalmente de eventos positivos, sendo essa uma característica que se repete nos estudos de diferentes culturas. Os eventos que compõem o roteiro de vida costumam ser também representações de momentos de transição, nos quais o papel social do indivíduo se modifica e gera consequências importantes para o futuro. Em geral, no momento em que vivencia uma experiência, o indivíduo não sabe que importância ou consequência aquele momento terá para sua trajetória. Porém, os eventos presentes no roteiro de vida são esperados e repetidos, de modo que a expectativa influencia a codificação do evento na memória (Berntsen & Rubin, 2004).

O conteúdo das categorias mais citadas reflete expectativas e normas culturais que regem o roteiro de vida, formando uma estrutura de vida idealizada que é conhecida pelos indivíduos. Essa idealização fica clara ao se observar que os eventos positivos citados por essa amostra são a maioria, mas não são, em média, considerados os mais comuns. Dessa forma, o roteiro de vida reflete apenas parcialmente a vida real da maioria das pessoas de uma população, mas principalmente o que é esperado delas como socialmente desejável. Isso também se reflete no fato de que foi observada maior concordância com relação à média de idade na qual o evento deve ocorrer quando estes eram positivos.

Eventos negativos, em geral, não são esperados e projetados. Nessa amostra, apenas categorias relacionadas à morte tiveram média de valência negativa. Outros eventos negativos foram citados por menos de 4% da amostra, ficando fora do critério que inclui eventos no roteiro de vida. Assim como os outros eventos negativos, o tema da morte não

costuma ser repetido e discutido na mesma intensidade que eventos positivos são ensaiados em conversas e histórias na cultura brasileira. A ideia da morte como inevitável para todos os indivíduos é compreendida e aceita, mas não comumente debatida, o que pode explicar o fato de serem as únicas categorias com média de valência negativa destacadas por essa amostra.

Outra característica conhecida dos eventos do roteiro de vida que foi observada é o aspecto social mais destacado que o biológico (Berntsen & Rubin, 2004). Apenas as categorias relacionadas aos desenvolvimentos físicos da infância, à morte e a categoria puberdade podem se encaixar como marcos biológicos da trajetória de vida. Todos os outros eventos se referem a situações sociais com grande impacto no papel desempenhado pelo indivíduo. Das 10 categorias de eventos mais citadas, nove se referem à marcos culturais (“casamento”, “entrar para a escola”, “primeiro emprego”, etc.) e apenas um trata de um marco no desenvolvimento infantil (“começar a falar”).

É necessário destacar que os eventos citados nos roteiros de vida tem sua importância e impacto construídos culturalmente ao longo do tempo. A teoria do life script cultural considera principalmente as construções sociais e culturais como modeladoras do roteiro, e não os recursos individuais de cada pessoa em particular (Berntsen & Rubin, 2004). É esse conhecimento semântico influencia o modo como a pessoa reflete e elabora sua história de vida, fazendo com a estrutura da narrativa se assemelhe à estrutura do roteiro.

Atualmente, alguns estudos já foram realizados seguindo o modelo de questionário trazido por Berntsen e Rubin (2004), de modo que os dados dessa pesquisa agregam ao conhecimento acumulado de diversas outras culturas e permitem uma comparação dos aspectos que compõem os roteiros de vida. Foram observadas semelhanças importantes entre os resultados da amostra brasileira e os das amostras dinamarquesa, americana, turca e holandesa aqui revisadas. Todas as amostras apresentaram as mesmas três categorias mais citadas em diferentes ordens (“casamento”, “ter filhos” e “entrar para a escola”), com exceção apenas da amostra americana que teve “universidade” como seu terceiro lugar e “entrar para a escola” em quarto.

Comparando as 10 categorias mais citadas pelas cinco amostras, são observados temas que se repetem: família, trabalho e educação. Culturalmente, essas áreas são valorizadas como partes componentes da identidade do sujeito em diferentes sociedades (Berntsen & Rubin, 2004), de modo que abarcam a quase totalidade dos eventos trazidos pelos participantes.

Por outro lado, também foram observadas diferentes categorias que chegaram às 10 mais citadas por apenas uma das cinco culturas. A análise dos eventos citados pela amostra brasileira trouxe três que não foram tão citadas pelas outras amostras: “formatura da graduação”, “conseguir um emprego/trabalhar” e “relacionamentos amorosos/namoro”. A primeira se destaca por aparecer apenas na lista completa da amostra holandesa, não sendo citada por nenhum dos outros países. A amostra utilizada aqui é composta principalmente de estudantes universitários, que estão envolvidos na tarefa de conseguir um diploma de curso superior, o que explica uma frequência tão alta de citações. Além disso, também é possível citar a visão que existe no Brasil com relação ao status de um diploma universitário, que muitas vezes é mais valorizado do que a própria experiência da universidade.

A categoria “conseguir um emprego/trabalhar” foi mais citada do que “primeiro emprego”, que aparece em outras amostras entre as 10 mais citadas. Essa categoria não foi citada por nenhuma outra amostra comparada. Um outro ponto relacionado é o fato de que a categoria trazida por Scherman (2013) “ganhar o primeiro dinheiro” não foi citada pela amostra brasileira. Esses dados trazem para a discussão o aspecto de valorização do trabalho e da ocupação enquanto parte integrante da identidade do indivíduo, que é forte na cultura brasileira. Enquanto eventos voltados para o primeiro salário não passaram pelo critério dos eventos do roteiro de vida, categorias como “estabelecer-se na carreira” e “independência financeira/pessoal” foram mais citadas. É possível considerar que o roteiro de vida da amostra brasileira reflete uma valorização dos efeitos do trabalho enquanto assegurador de um estilo de vida.

A categoria “relacionamentos amorosos/namoro” foi criada para essa amostra, uma vez que a categoria “apaixonar-se” não foi capaz de dar conta dos conteúdos trazidos pelos participantes. Eventos relacionados às primeiras experiências amorosas, namoros e relacionamentos sérios foram agrupados na primeira enquanto referências a amar e a sentir-se apaixonado foram agrupados na segunda. Esta aparece em três outras amostras, indicando que uma referência à relacionamentos afetivos é comum a essas culturas.

Algumas das categorias citadas por apenas uma das amostras revisadas no grupo das 10 mais frequentes foram: “ensino médio” pela amostra americana, “conhecer marido/esposa” pela amostra holandesa, “vestibular” pela amostra turca e “aposentadoria” pela amostra dinamarquesa. A amostra brasileira foi a única a não apresentar nenhuma categoria relacionada à morte nessa lista, enquanto as amostras da Turquia e da Dinamarca destacaram duas, cada uma, e as amostras dos Estados Unidos e Holanda destacaram

uma, cada.

O roteiro de vida que mais se assemelha ao brasileiro é o americano, com o qual obteve correlação mais alta e uma boa sobreposição das categorias. Devido à diferença no número de participantes, a amostra brasileira possui mais categorias. Dessa forma, observa-se que, das categorias citadas pela amostra americana, apenas quatro não são citadas pela amostra brasileira: “sair de casa”, “ninho vazio”, “aprender a dirigir” e “ensino médio”.

As duas primeiras categorias se referem a um aspecto da cultura americana que não acontece da mesma forma no Brasil. Os jovens são incentivados a deixar a casa dos pais assim que possível, enquanto que na cultura brasileira, é mais comum que os filhos fiquem em casa até que se casem. Esse é uma característica cultural brasileira que se reflete em outra categoria criada para essa amostra: “relacionamentos familiares”. Essa categoria agrupa eventos referentes ao apego com os pais e familiares próximos, que é parte da cultura brasileira de apego e aproximação das famílias.

Um outro aspecto particular à cultura americana é a valorização do ensino médio como uma etapa importante de descoberta e transição, na qual os adolescentes enfrentam uma carga maior de responsabilidades e espera-se que vivenciem anos marcantes em suas vidas. No Brasil, o ensino médio se dá como uma etapa preparatória para o vestibular, não havendo sobre essa etapa a mesma expectativa de novas experiências e descobertas.

Um ponto interessante de aproximação das duas amostras é a valência considerada para a categoria “aposentadoria”. Enquanto nas outras três amostras a aposentadoria é vista como um evento negativo ou neutro, as amostras brasileira e americana a consideram como positiva. A amostra coletada nesse estudo é composta principalmente por habitantes de grandes centros urbanos no Brasil. Em zonas rurais, é mais comum a ideia de que o trabalho é parte essencial da vida e de que só se para de trabalhar quando não for mais possível fazê-lo, enquanto que em zonas urbanas, a aposentadoria é encarada quase como uma recompensa pelo tempo de serviço prestado. É difundida a ideia de que é necessário ter um bom trabalho para garantir uma boa aposentadoria e tempo de descanso no futuro.

Foi necessária a criação de uma categoria que incluísse as ideias da amostra brasileira sobre a etapa final da vida como uma fase de reflexão e avaliação do que foi feito. A categoria “autorreflexão”, embora não muito citada, foi necessária pois os participantes relataram como eventos sentimentos de orgulho ou de arrependimento com relação ao passado. A ideia da velhice como uma etapa de reflexão sobre as realizações da vida foi trazida por Erikson e contrapõe um sentimento de realização e dignidade com o desespero de acreditar

que desperdiçou o próprio tempo de vida.

Os dados desse estudo também apresentaram uma alta frequência de eventos citados esperados para a segunda e terceira décadas de vida. O período conhecido como *life script bump* se repete em todas as amostras revisadas e também na reanálise realizada por Scherman (2013) que inclui três outros estudos com amostras dinamarquesas que não foram comparados diretamente com essa amostra. A faixa entre os 15 e 30 anos de idade acumula a maior parte dos eventos citados nos estudos de roteiros de vida e é semelhante ao fenômeno encontrado nos estudos de histórias de vida. A explicação do roteiro de vida sugere que a repetição do *bump* na investigação de dois fenômenos distintos indica que os roteiros de vida são responsáveis por influenciar o formato da narrativa da história de vida. A ocorrência do fenômeno em amostras de diferentes países reforça a ideia do roteiro de vida enquanto uma estrutura cognitiva que se mantém, mas cujo conteúdo é variável culturalmente (Berntsen & Rubin, 2004).

Os eventos esperados para essa faixa de idade são predominantemente positivos, mas não necessariamente mais comuns, como pode ser observado nos gráficos apresentados na sessão anterior. Essa seleção dos eventos que são destacados pelo roteiro reflete os aspectos idealizados da vida que é descrita. O período da adolescência e início da idade adulta é composto por eventos marcantes que têm consequências importantes para a construção da identidade do indivíduo, mas nem sempre essas situações são positivas, em especial no momento em que são vivenciadas. Porém, desse conjunto de eventos que podem ocorrer e que serão importantes para uma pessoa hipotética, os que são positivos são selecionados com maior frequência. Uma das explicações é a de que situações negativas em geral não são discutidas e esperadas como as positivas, de forma que existe um viés na seleção dos eventos incluídos no roteiro de vida (Erdogan et. al., 2008).

Outro aspecto importante desses eventos é a relação de sua valência com a idade esperada de ocorrência do evento. Os eventos transicionais mais importantes são considerados positivos principalmente quando ocorrem na faixa de idade esperada (Berntsen & Rubin, 2004). A valência pode se modificar quando alguns desses eventos ocorrem em uma época diferente da esperada. Ter filhos muito antes ou muito depois da faixa de idade esperada não possui a mesma valência que teria quando ocorre dentro das expectativas culturais. Logo, a valência dos eventos transicionais no roteiro de vida refletem a norma social e não a relação de um indivíduo específico com a situação real.

O gráfico apresentado na sessão anterior que mostra a distribuição dos eventos positivos, neutros e negativos na linha do tempo de vida indicou um segundo acúmulo de

eventos positivos por volta dos 60 anos. Os eventos citados nessa faixa se referem a ter “netos”, “aposentadoria” e “envelhecer”, que foram considerados bastante positivos. Esse dado é coerente com a visão dos habitantes de centros urbanos, onde existe uma visão da etapa da velhice como momento de descanso e recompensa. Em localidades com menor qualidade de vida talvez o resultado não seja o mesmo.

Com relação à já citada inversão de quantidade de eventos positivos entre os 40 e 50 anos, isso ocorre devido à idade estimada por essa amostra para a perda dos pais, que foi a categoria de eventos mais negativa. Nas amostras brasileira e americana, a morte dos pais foi considerada mais negativa do que qualquer outra categoria relacionada à morte. As amostras holandesa e dinamarquesa consideraram a morte do cônjuge como a mais negativa, enquanto a amostra turca considerou a morte de outros como a mais negativa. Todas as populações consideraram a própria morte como a menos negativa em comparação às outras categorias relacionadas à morte.

As categorias “própria morte/morrer” e “próprio nascimento/nascer” não obtiveram uma média de prevalência de 100%. Ao analisar os eventos incluídos nessas categorias, foi observado que alguns participantes incluíram condições ou características dos eventos, como por exemplo “morrer com dignidade” ou “conseguir nascer com saúde”, o que explica porque alguns participantes não consideraram o evento como prevalente em todas as pessoas.

A análise do roteiro de vida apresentado pela amostra brasileira é coerente com os roteiros de outras culturas, mas também apresenta suas particularidades. Esses achados são importantes para a compreensão dos aspectos que compõem um roteiro de vida, uma vez que destaca o papel da cultura como influência dos eventos citados. Dos eventos citados, temos uma parcela que corresponde ao encontrado em amostras de outros países e outra particular à cultura investigada. Eventos que relatavam situações específicas, possivelmente de importância pessoal para o participante, não ultrapassaram o critério para os eventos do roteiro de vida, não integrando a lista.

A partir disso, é possível levantar a discussão da composição dos roteiros de vida e sugerir a investigação desses parâmetros. Fica claro a partir da análise comparativa dos dados o destaque do papel da cultura na seleção dos eventos de vida, sendo essa dividida entre a cultura específica de um país (ou até mesmo de uma localidade) e aquela compartilhada globalmente. É possível sugerir uma parcela de temas comuns na composição dos roteiros de vida (Erdogan et. al., 2008), observada através das altas correlações encontradas entre amostras de países tão diferentes. Embora com menor destaque, o papel

das mudanças desenvolvimentais pode ser observado principalmente na etapa da infância, quando os participantes costumam destacar a evolução de habilidades motoras enquanto eventos.

Para avaliar uma determinada situação, o indivíduo utiliza principalmente o que Kahneman (2011) chama de *self* recordativo, responsável por verificar as lembranças e decidir o que será considerado o estado atual das coisas. Essa perspectiva é diferente daquela do *self* experiencial, que vivencia a situação, com todas as suas emoções e nuances, no momento presente. Quando perguntamos a alguém “O quão satisfeito você está com a sua vida?”, a pessoa vai rapidamente checar suas lembranças em destaque para dar uma resposta. Mas que lembranças serão destacadas?

Enquanto a avaliação da experiência vivida, momento após momento, depende das contingências do ambiente e da atividade em andamento, a avaliação da própria vida será influenciada pelo humor do momento e por uma amostra pequena de lembranças que estão facilmente disponíveis. Essa resposta dada de forma consideravelmente rápida é um exemplo do tipo de processamento intuitivo e eficiente do Sistema 1 (Kahneman, 2011), nome dado ao tipo de processamento cognitivo que produz respostas baseadas em experiências prévias e crenças do indivíduo. A representação de episódios é feita na forma de narrativa, na qual serão selecionados e incluídos os eventos de maior importância para o indivíduo, e que serão facilmente recordados. Logo, a avaliação da própria vida depende principalmente de onde está o foco da atenção do indivíduo.

A ilusão de foco descreve como o posicionamento da atenção pode alterar a forma como a vida é avaliada. Pequenas partes da experiência do indivíduo podem receber uma atenção destacada de modo que tenham maior importância atribuída na avaliação global (Kahneman, 2011). Podemos supor que os eventos incluídos nos roteiros de vida serão consideravelmente mais destacados, focos de atenção e facilmente acessíveis do que outros eventos que o sujeito tenha vivido. Dessa forma, ao avaliar a situação de sua vida, o indivíduo considerará automaticamente aqueles eventos que recebem esse viés da atenção, que pode ser causado por uma alta valorização social do evento ou pelo ensaio frequente.

Outro aspecto que influencia a direção da atenção na ilusão de foco é a crença exagerada na importância de algo para a felicidade pessoal. O indivíduo pode acreditar tudo o que precisa para melhorar sua vida é comprar um carro ou uma casa e colocar aí um grande peso de importância, tornando a ideia desse evento altamente disponível na memória (Kahneman, 2011). Da mesma forma, podemos imaginar quais fatores influ-

enciam a seleção de um evento muito desejado para os indivíduos de uma determinada cultura, e supor que aqueles que são compartilhados culturalmente como esperados na vida das pessoas serão almeçados por grande parte da população.

É importante para a compreensão do bem-estar levar em conta tanto aquilo que as pessoas querem (suas metas e a importância atribuída a determinados eventos) quanto suas experiências reais. O *self* recordativo é construído pelo Sistema 2 (Kahneman, 2011), responsável pelo processamento mais lento, elaborado e lógico, de alto custo, e composto pela memória que é processada de forma rápida e intuitiva, gerando vieses de escolhas e avaliações. O *self* experiencial e o *self* recordativo podem ser contrastantes com relação à resposta que emitem, mas ambos precisam ser considerados ao se investigar o bem-estar dos indivíduos.

A coincidência entre os resultados encontrados nos estudos em diversas culturas supõe uma estrutura cognitiva comum, que organiza as expectativas culturais e se espalha entre os membros da sociedade. O tipo de processamento realizado, descrito por Kahneman (2011) é comum a todos os seres humanos, sendo independente da construção cultural. A diferença que é observada em termos de conteúdo reflete as idiosincrasias das populações avaliadas, que utilizam de uma estrutura semelhante para organizar suas concepções particulares.

O que pode ser sugerido a partir da comparação entre culturas realizada é o papel e a necessidade de se investigar a formação da estrutura significativamente compartilhada dos roteiros de vida, que é capaz de organizar as expectativas mais particulares de diferentes populações. A teoria do processamento em dois sistemas de Kahneman (2011) pode ser uma alternativa para a compreensão da forma como se constrói e como opera um roteiro de vida na avaliação do bem-estar pessoal.

Como já foi discutido no Capítulo 1, a teoria dos roteiros de vida culturais apresenta o roteiro de vida como organizador da narrativa da história de vida. Os eventos listados são culturalmente compartilhados pelos indivíduos de uma determinada cultura, logo possuem lugar de destaque, funcionando como guia durante a recordação dos eventos importantes da própria vida. Além disso, o roteiro é conhecido mesmo pelos indivíduos que não vivenciaram as experiências descritas, de modo que quando ocorrem, existe um viés na retenção, devido à sinalização causada pelo roteiro de que aquele evento é importante. Uma evidência da relação entre a estrutura do roteiro de vida e da história de vida pessoal é a ocorrência do *bump* de eventos positivos entre os 15 e 30 anos.

A narrativa da história de vida requer uma coerência entre os eventos e uma jus-

tificativa da importância dos mesmos. Gluck e Bluck (2007) argumentam que, além da noção cultural de biografia (roteiro de vida), outros aspectos também são importantes para a organização da história de vida, tais como a coerência temporal, temática e causal. As autoras consideram que a coerência causal é observada através das consequências que os eventos de vida possuem para a história e identidade do indivíduo e que não é possível saber a priori os efeitos que as situações acarretarão no futuro. Logo, a teoria do roteiro de vida não daria conta de explicar a coerência da estrutura da história de vida. Porém, como já foi citado, o conhecimento dos eventos contidos no roteiro podem servir como sinalização para o direcionamento da atenção a determinados eventos de vida.

Outro ponto trazido por estas autoras, corroborado pelos dados de seu estudo (Gluck & Bluck, 2007) é o de que os eventos que compõem o *bump* nas histórias de vida são não apenas positivos como também possuem um alto controle percebido associado. Os eventos positivos associados a baixo controle percebido não apresentaram *bump*. Os participantes ($N = 659$) relataram os eventos mais importantes que viveram e indicaram o quanto se sentiam no controle da situação em cada um deles, além das consequências desses eventos em quem eles são atualmente. Dos eventos trazidos, 45,9% correspondem aos eventos do roteiro de vida de Berntsen e Rubin (2004). Logo, é possível destacar a importância do roteiro de vida como organizador, mas também a influência de fatores individuais, como o controle percebido, na coerência da narrativa da trajetória de vida.

Os questionamentos levantados acerca de quais elementos são responsáveis por influenciar a organização da história de vida são motores impulsionadores das pesquisas na área da memória autobiográfica. A influência do roteiro de vida é robusta e corroborada por diversos estudos, mas não é compreendida com totalidade. A investigação do papel do controle percebido nos eventos considerados importantes também nos roteiros de vida pode ser interessante para permitir melhor compreensão do que torna um evento destacado o bastante para ser compartilhado culturalmente como esperado para a vida dos indivíduos.

Também é importante destacar que outros aspectos que não compõem o roteiro de vida possuem influência na organização da narrativa da história de vida, como as consequências observadas na construção da identidade. Os componentes pessoais não devem ser completamente excluídos das investigações, pois possuem influência naquilo que o indivíduo considera importante na sua trajetória. Os resultados trazidos por Bohn e Habermas (2016) agregam evidências tanto da influência do roteiro de vida na recordação de eventos pessoais quanto das experiências individuais na elaboração da narrativa. É

importante se afastar de explicações simplistas de fenômenos complexos, mas investigar diferentes facetas dos fenômenos para o avanço da compreensão do todo.

CONCLUSÃO

Diante dos dados trazidos pelos estudos acerca dos roteiros de vida em diferentes países comparados entre si podemos considerar a importância da compreensão das influências culturais para o estudo da organização da memória autobiográfica. Esse é um ponto negligenciado em modelos revisados tais quais o Self-Memory System (Conway, 2005) e o Personal Reference System (Shum, 1998), que colocam o foco nos aspectos particulares da história de vida dos indivíduos. Considerar o papel organizador da cultura dentro dos modelos explicativos da memória autobiográfica é a proposta da teoria cultural do roteiro de vida (Berntsen & Rubin, 2004).

Para isso, destaca-se a comparação internacional realizada, que indicou uma permanência da estrutura cognitiva do roteiro de vida em todos os países investigados e uma variação de conteúdo associada à cultura específica. Com evidências que reforçam o que foi trazido por Erdogan et. al. (2008) quando citou coerência entre os roteiros de vida, é possível passar a investigar quanto destes é variável de acordo com a cultura e quanto se mantém formando a estrutura. Investigar a composição dos roteiros de vida pode contribuir para que a compreensão da avaliação do bem-estar e da satisfação com a própria vida seja mais aprofundada.

Percebe-se que não apenas a experiência vivida e as memórias dos eventos pessoais fazem parte da avaliação da história de cada indivíduo (Kahneman, 2011). O conhecimento acerca das normas e do que é observado como convenção social é parte da estrutura a partir do qual as pessoas elaboram suas relações com a própria história e, conseqüentemente, com suas identidades. Os resultados trazidos por essa pesquisa permitem maior compreensão dos parâmetros pelos quais os brasileiros podem avaliar suas trajetórias e sua qualidade de vida e quais expectativas são culturalmente construídas para o futuro das pessoas, auxiliando os trabalhos na área de promoção de qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- Berntsen, D. & Rubin, D. C. (2002). Emotionally charged autobiographical memories across the life span: the recall of happy, sad, traumatic, and involuntary memories. *Psychology and Aging, 17*(4), 636 – 652.
- Berntsen, D. & Rubin, D. C. (2004). Cultural life scripts structure recall from autobiographical memory. *Memory & Cognition, 32*(3), 427 – 442.
- Berntsen, D., Rubin, D. C. & Siegler, I. C. (2011). Two versions of life: emotionally negative and positive life events have different roles in the organization of life story and identity. *Emotion, 11*(5), 1190 – 1201.
- Bohn, A. (2011). Normative ideas of life and autobiographical reasoning in life narratives. *New directions for child and adolescent development, 131*, 19 – 30.
- Bohn, A. & Habermas, T. (2016). Living in history and living by the cultural life script: how older Germans date their autobiographical memories. *Memory, 24*(4), 482 - 495.
- Cohen, J. (1992). A power primer. *Psychological Bulletin, 112*(1), 155 - 159.
- Conway, M. A. (2005). Memory and the self. *Journal of Memory and Language, 53*, 594 – 628.
- Conway, M. A. (2009). Episodic memories. *Neuropsychologia, 47*, 2305 – 2313.
- Conway, M. A. & Jobson, L. (2012). On the nature of autobiographical memory. In D. Berntsen & D. C. Rubin (Eds.). *Understanding autobiographical memory: theories and approaches*. (Vol. 1, Chap. 4, pp. 54 – 69). New York: Cambridge University Press.
- Conway, M. A. & Pleydell-Pearce, C. W. (2000). The construction of autobiographical memory in the Self-Memory System. *Psychological Review, 107*, 261 - 288.
- Erdogan, A., Baran, B., Avlar, B., Tas, A. C. & Tekcan, A. I. (2008). On the persistence of positive events in life scripts. *Applied Cognitive Psychology, 22*, 95 – 111.

- Gauer, G. & Gomes, W. B. (2007). Memória autobiográfica. In A. Oliveira (Org.). *Memória, cognição e comportamento*. (Vol. 1, Chap. A, pp. 2 – 32). Porto Alegre: Casa do Psicólogo.
- Gauer, G. & Gomes, W. B. (2008). Recordação de eventos pessoais: memória autobiográfica, consciência e julgamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), 507 – 514.
- Glück, J. & Bluck, S. (2007). Looking back across the life span: a life story account of the reminiscence bump. *Memory & Cognition*, 35(8), 1928 - 1939.
- Janssen, S. M. J. & Rubin, D. C. (2011). Age effects in cultural life script. *Applied Cognitive Psychology*, 25, 291 – 298.
- Jones, M. N., Willits, J. & Dennis, S. (2015). Models of semantic memory, In J. R. Busemeyer, Z. Wang, J. T. Townsend & A. Eidels (Eds.). *The Oxford Handbook of Computational and Mathematical Psychology*. (Vol 1, Chap 11, pp 232 – 254). New York: Oxford University Press.
- Kahneman, D. (2011). *Thinking fast and slow*. Nova York: Farrar, Strauss & Giroux.
- Levine, B., Svoboda, E., Hay, J. F., Winocur, G. & Moscovitch, M. (2002). Aging and autobiographical memory: dissociating episodic memory from semantic retrieval. *Psychology and Aging*, 17(4), 677 – 689.
- Mandler, J. M. (1984). *Stories, scripts, and scenes: aspects of schema theory*. New Jersey: LEA.
- Rubin, D. C. & Berntsen, D. (2003). Life scripts help maintain autobiographical memories of highly positive, but not highly negative, events. *Memory & Cognition*, 31(1), 1 – 14.
- Rubin, D. C., Berntsen, D. & Hutson, M. (2009). The normative and the personal life: individual differences in life scripts and life story events among U.S.A. and Danish undergraduates. *Memory*, 17(1), 54 – 68.
- Rubin, D. C., Rahhal, T. A. & Poon, L. W. (1998). Things learned in early adulthood are remembered best. *Memory & Cognition*, 26, 3 - 19.

- Rubin, D. C., Schrauf, R. W. & Greenberg, D. L. (2003). Belief and recollection of autobiographical memories. *Memory & Cognition*, *31*(6), 887 – 901.
- Rubin, D. C. & Umanath, S. (2015). Event memory: a theory of memory for laboratory, autobiographical, and fictional events. *Psychological Review*, *122*(1), 1 – 23.
- Scherman, A. Z. (2013). Cultural life script theory and the reminiscence bump: a reanalysis of seven studies across cultures. *Nordic Psychology*, *65*(2), 103 – 119.
- Shum, M. S. (1998). The role of temporal landmarks in autobiographical memory processes. *Psychological Bulletin*, *124*(3), 423 – 442.
- Steiner, K. L., Pillemer, D. B., Thomsen, D. K. & Minigan, A. P. (2014). The reminiscence bump in older adults' life story transitions. *Memory*, *22*(8), 1002 – 1009.
- Tulving, E. (1985). *Elements of episodic memory*. New York: Oxford University Press.
- Vieira, A. J. & Garrett, J. M. (2005). Understanding interobserver agreement: the Kappa statistic. *Family Medicine*, *37*(5), 360 – 363.

ANEXO A

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1. Em que estado brasileiro você mora?

2. Quantos anos você tem?

3. Qual é o seu sexo?

4. Qual é seu estado civil?

5. Quantos filhos você tem?

6. Qual é sua renda familiar (aproximadamente)?

7. Atualmente você estuda em instituição:

- Pública
- Privada

8. Você está trabalhando atualmente?

9. Você já esteve em atendimento psicológico ou psiquiátrico?

10. Você toma alguma medicação psiquiátrica?

11. Você está em atendimento psicológico ou psiquiátrico?

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos realizando um estudo roteiros de vida, eventos de vida particular e a relação entre ambos e algumas variáveis psicológicas. Este estudo nos possibilitará compreender expectativas de vida da população brasileira e sua relação com eventos pessoais vivenciados. Em função disto, estamos solicitando sua participação como voluntário neste estudo, respondendo a algumas questões. Para participar, será necessário dispor de aproximadamente meia hora.

Pelo presente, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente estudo. Fui igualmente informado:

- Todas as informações coletadas serão confidenciais sendo referidas nas publicações e no relato de pesquisa por meio de códigos que visam proteger a identificação dos participantes. Apenas os pesquisadores que estão desenvolvendo este estudo terão conhecimento destes dados.

- Minha participação nesta pesquisa não traz complicações, sendo que os pesquisadores responsáveis por este estudo estão a disposição em caso de algum desconforto.

- Não terei qualquer tipo de despesa assim como nada me será pago

- Após o término da pesquisa, o material contendo seus dados e informações ficarão armazenados, por um período de cinco anos, no Laboratório de Fenomenologia e Cognição, no Instituto de Psicologia da UFRGS.

- Poderei deixar a pesquisa, sem quaisquer consequências, penalizações ou prejuízos a qualquer momento.

Em caso de dúvidas, você poderá solicitar esclarecimentos aos pesquisadores André Luiz Moreno (moreno.andreluiz@gmail.com), Manoela Ziebell (manoelaziebell@yahoo.com.br) e Prof. Dr. Gustavo Gauer (fone: (51) 3308 5303, e-mail: gusgau@gmail.com).

O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia (Ramiro Barcelos, 2600, Bairro Santana, Porto Alegre, RS, fone: (51) 33085066, e-mail: cep-psico@ufrgs.br) aprovou a realização deste projeto.

Eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

ANEXO C

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Eventos autobiográficos em roteiros de vida

Pesquisador: Gustavo Gauer

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 04710612.2.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 144.174

Data da Relatoria: 05/11/2012

Apresentação do Projeto:

Sistemas de memória de longo prazo abrangem a manutenção e o processamento tanto do conhecimento episódico de eventos da história de vida

do sujeito em particular, quanto do conhecimento semântico sobre como são histórias de vida em geral. Dois domínios de conhecimento acerca do

desenrolar de uma vida: um pessoal ou idiográfico, referente ao repertório de experiências da história de vida individual, e outro, normativo,

abarcando um esquema que organiza quais acontecimentos se espera que aconteçam como regra consigo e com seus pares no grupo social.

Memórias autobiográficas são geradas ao longo de todos os períodos de vida e é possível ter recordações autobiográficas referentes a todos os

períodos de vida. Contudo, a distribuição desses eventos não se dá uniformemente, entre outros motivos, em função de uma tendência de maior

recordação dos eventos da adolescência e vida adulta. Essa distribuição na adolescência se daria pela existência de roteiros de vida normativos,

presentes em uma certa cultura. Diferentemente das narrativas de vida individuais, os life scripts não são pessoais, representam sim um

conhecimento público compartilhado e se relacionam a uma ordem temporal de eventos fixa. Este projeto tem como objetivo avaliar a generalidade e

a validade do conceito de roteiros de vida na população brasileira. 500 estudantes universitários,

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (513)308--5698

Fax: (513)308--5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

de duas regiões do país, participarão deste estudo.

s participantes serão solicitados a gerar os sete principais eventos que acontecerão na vida de um recém nascido de sua cultura e os sete principais eventos de sua vida pessoal, sejam eles passados ou futuros. Os participantes também serão solicitados a responder quatro questões sobre os eventos de vida pessoal, quais sejam: importância, frequência, valência e idade de acontecimento dos eventos. Além disso, os participantes responderão à escala de auto-consciência revisada e um questionário sociodemográfico.

Objetivo da Pesquisa:

tem como objetivo principal investigar a validade e a generalidade do conceito de life scripts, utilizando estudantes universitários brasileiros como amostra. Como objetivos secundários, caso a hipótese da existência de life scripts na população brasileira seja validada, têm-se como objetivo desenvolver normas brasileiras para os life scripts e comparar esta norma com estudos em outras culturas. Outro objetivo secundário é avaliar diferenças entre os eventos desenvolvidos de acordo com o paradigma de life scripts e eventos relacionados à história de vida pessoal.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Apresenta riscos mínimos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A influência de experiências individuais específicas na avaliação do bem-estar e da qualidade de vida é um tema de interesse atual e crescente não apenas em psicologia, mas em outras ciências da saúde e econômicas. Kahneman ressalta a existência de dois domínios que informam um indivíduo que se dedica à avaliação da própria situação: um instantâneo, baseado na perspectiva de um self que vive a experiência imediata, e outro permanente, partindo de um self mnemônico, temporalmente estendido a longo prazo. Sistemas de memória de longo prazo abrangem a manutenção e o processamento tanto do conhecimento episódico de eventos da história de vida do sujeito em particular, quanto do conhecimento semântico sobre como são histórias de vida em geral. A revisão teórica é ampla e atualizada. Os objetivos estão claros, bem como os procedimentos metodológicos da pesquisa. 500 estudantes universitários brasileiros participarão deste estudo. Serão selecionados, por conveniência, 250 estudantes universitários da região Sul do Brasil, particularmente da região metropolitana de Porto Alegre. Outros 250 estudantes universitários serão selecionados, por conveniência, na região Sudeste do Brasil, particularmente do interior dos estados de Minas Gerais e São Paulo. A

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (513)308--5698

Fax: (513)308--5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

participação neste projeto será voluntária e se dará após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Todos os participantes serão solicitados a gerar os sete principais eventos que acontecerão na vida de um recém nascido de sua cultura e os sete principais eventos de sua vida pessoal, sejam eles passados ou futuros. As instruções para os eventos de life script e para os eventos pessoais serão as mesmas presentes nos estudos internacionais a respeito dos life scripts. Os participantes também serão solicitados a responder quatro questões sobre os eventos de vida pessoal e sobre os eventos de life scripts, quais sejam: prevalência dos eventos, importância dos eventos, idade de acontecimento dos eventos e valência dos eventos. Além disso, os participantes responderão à escala de Autoconsciência Revisada (EAC-R). Trata-se de uma escala composta por 22 itens e uma estrutura tri-fatorial composta pelas sub-escalas de autoconsciência privada, autoconsciência pública e ansiedade social (Scheier & Carver, 1985). Foi traduzida e validada para a população brasileira por Gomes e Teixeira (1996), apresentando dados de fidedignidade com alpha de Cronbach variando entre 0,62 e 0,75 para as sub-escalas e correlação teste-reteste variando entre 0,69 e 0,83. Por fim, Será utilizado um protocolo para o levantamento de dados sócio-demográficos dos participantes, contendo: estado de residência, idade, sexo, estado civil, número de filhos, renda familiar aproximada, natureza da instituição na qual o participante estuda (pública ou privada), ocupação e histórico médico psiquiátrico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta todos os termos necessários. O TCLE está redigido de forma clara e objetiva.

Recomendações:

O projeto atende todos os requisitos éticos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está adequado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado tendo em vista que atende a todas as exigências da ética em pesquisa.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (513)308--5698

Fax: (513)308--5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -
UFRGS



PORTO ALEGRE, 12 de Novembro de 2012

Assinador por:
JUSSARA MARIA ROSA MENDES
(Coordenador)

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (513)308--5698

Fax: (513)308--5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br